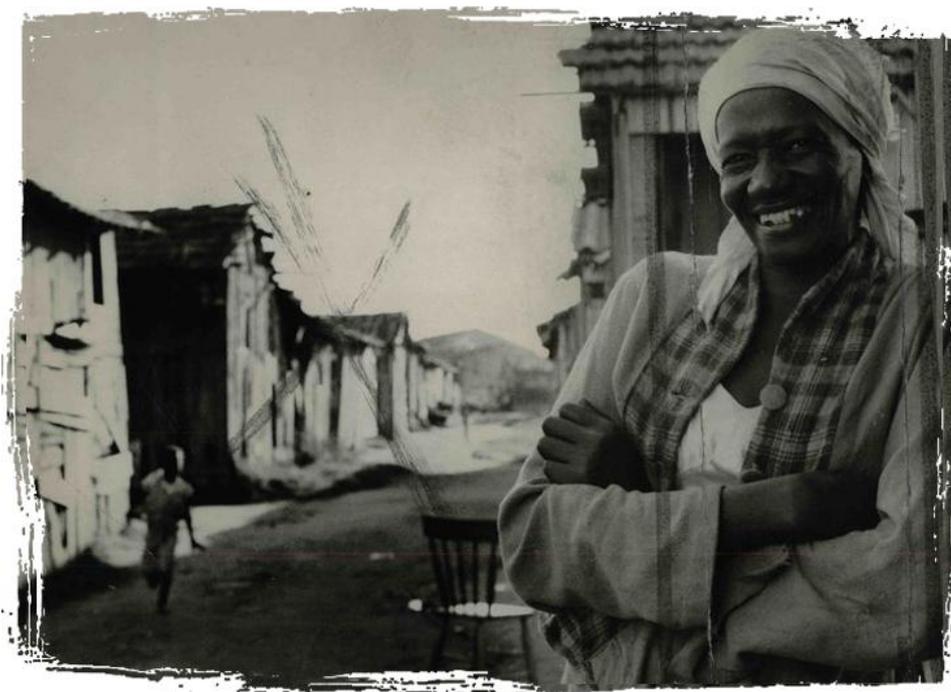


UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BRUNO LUIZ GOMES E SILVA



**CAROLINA E O CANINDÉ:
COMO, NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS, A
FAVELA É CONSTRUÍDA ENQUANTO ESPAÇO MARCADO POR
CLASSE, RAÇA E GÊNERO**

Belo Horizonte
2019

BRUNO LUIZ GOMES E SILVA

**CAROLINA E O CANINDÉ:
COMO, NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS, A
FAVELA É CONSTRUÍDA ENQUANTO ESPAÇO MARCADO POR
CLASSE, RAÇA E GÊNERO**

Monografia apresentada ao curso de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Antropologia.

Orientador: Rogério Brittes Wanderley Pires

BELO HORIZONTE
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BRUNO LUIZ GOMES E SILVA

**CAROLINA E O CANINDÉ:
COMO, NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS, A
FAVELA É CONSTRUÍDA ENQUANTO ESPAÇO MARCADO POR
CLASSE, RAÇA E GÊNERO**

Rogério Brittes Wanderley Pires (Orientador) - DAA/UFMG

Leandro de Oliveira (Avaliador) - DAA/UFMG

Sabrina Finamori (Avaliadora) - DAA/UFMG

BELO HORIZONTE
2019

Agradecimentos

A meus pais pelo apoio incondicional em todas as horas mesmo quando quase tudo foi perdido. Aos colegas de academia por compartilharem suas perspectivas de vida, em especial a Daniel Bruekers e Leonardo Henrique pela parceria nos bons e maus momentos. A Giselle e Christian pelo incentivo. A Naldin Silva de Contagem e Murcega de Belo Horizonte pelas cervejas em meus primeiros passos da pesquisa.

A meu orientador Rogério Brittes, por me ajudar a construir o caminho deste trabalho. A todos os professores com os quais interagi nesta graduação, em especial, Aderval Costa Filho, Andrei Isnardis, Leandro de Oliveira, Marco Martínez e Rogério do Pateo pelo exemplo acadêmico. À Ângela e a todos do Colegiado de Graduação Antropologia e Arqueologia pela atenção.

Por fim, um salve a todas as culturas de rua, coletivos, manifestações populares, movimentos sociais progressistas, às músicas cantadas e a poesias declamadas que me permitiram a troca de saberes e me ajudaram a enxergar a cidade como um campo profícuo ao pensar antropológico.

*“Quando a mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”- Angela Davis*

Resumo

Este trabalho de conclusão se constitui como uma monografia de graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Seu texto objetiva uma leitura etnográfica a partir de uma obra literária. Abarca reflexões sobre a construção textual feita pela escritora Carolina Maria de Jesus a partir de sua vivência na favela do Canindé, comunidade periférica paulista que existiu até meados do século passado, através das descrições contidas no livro *Quarto de Despejo* de 1960. Trata-se de uma construção subjetiva do território que está atravessada pelas interações sociais dos sujeitos com a autora e desta com a cidade de São Paulo. São relações marcadas pelo conflito social a partir do qual busquei analisar uma interseccionalidade de sistemas de opressão que dialogam com a identidade étnica da autora, enquanto mulher negra e favelada, e transformam sua visão de mundo.

Palavras-chave: favela, Carolina Maria de Jesus, interseccionalidade, literatura brasileira, mulher negra.

Abstract

This conclusion work was built like a graduation monograph in Anthropology of the Federal University of Minas Gerais. It's text aims at an ethnographic reading from a literary work. It contains reflections on the textual construction done by the writer Carolina Maria of Jesus from his existence in the favela of the Canindé, peripheric community of the city of Sao Paulo that existed up to middles of last century, through the descriptions contained in the book *Quarto de Despejo* published in 1960. This subjective construction of the territory is influenced by the social interactions of the subjects with the author and of herself with the city of Sao Paulo. These relations are characterized by the social conflict from which I aimed to analyse an intersection of oppression systems that talk to the ethnic identity of the author, while black woman and resident of the favela, and they transform his vision of world.

Keywords: favela, Carolina Maria de Jesus, intersectionality, Brazilian literature, black woman.

Lista de Figuras

Figura 1 - Carolina Maria de Jesus, a “escritora favelada” – Crédito: Arquivo público do Estado de São Paulo/Produção original dos fotógrafos do “Última Hora”	16
Figura 2 - Carolina Maria de Jesus e o rio Tietê. Foto: Audálio Dantas (1958).	20
Figura 3 - Planta da favela do Canindé - Crédito: Divisão do Serviço Social da PMSP (1962)	25
Figura 4 - Nico (Reginaldo Faria) e seu bando no quartel general.	27
Figura 5 - Favela do Canindé. Foto: Audálio Dantas (1958).	29
Figura 6 - Nico (Reginaldo Faria) em um quintal de barraco na Favela do Canindé.	30
Figura 7 - Capa do disco fonográfico Quarto de Despejo (RCA Victor, 1961).....	31
Figura 8 - Rótulo do disco fonográfico Quarto de Despejo (RCA Victor, 1961).	32
Figura 9 - Carolina e a favela do Canindé. Foto do arquivo público de Sacramento.	47

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Frequência e porcentagem de pessoas da Favela do Canindé que são citadas nos diários de Carolina e estão classificadas por gênero.	37
Tabela 2 - Frequência e porcentagem das pessoas de fora da favela do Canindé que foram citadas nos diários de Carolina e estão classificadas por gênero.	38

Sumário

1	Introdução	9
2	O Livro e a Etnografia	15
2.1	O Filme e o Campo	26
2.2	O Disco e a Emoção	31
3	Dados Sociológicos.....	35
4	Capítulo Analítico	40
5	Considerações Finais.....	57
6	Bibliografia	60

1 Introdução

A questão urbana sempre me despertou maior interesse etnográfico, desde os primeiros anos na academia, por sua contradição entre limites e universalidades, entre as barreiras territoriais e as interações sociais cosmopolitas. Este posicionamento antropológico de determinar a eficácia social de temas universais como a cultura em sociedades complexas (Magnani, 2002, p.12) se deu forma natural. Pode-se dizer que, para mim, etnografar o mundo urbano vai muito além do incômodo em debater sua própria dinâmica, há também um fascínio em desbravar os códigos simbólicos que orientam os encontros, as diferenças e a vida na cidade. Deste olhar direcionado a um lugar (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.55) específico, me circunscrevo àqueles grupos marginalizados pela sociedade nacional no intuito (e na emergência) de fomentar a restituição das humanidades que lhes foram negadas ao longo da história .

O papel da monografia está em estabelecer e organizar um ciclo de debates teóricos frente a um objeto etnográfico. Ela é construída a partir do diálogo entre pesquisador, teoria científica e os sujeitos do campo de pesquisa em um processo antropológico que nos permite revelar dimensões culturais inesperadas e com potencial de abalar nossas visões de mundo. Desta forma, meu interesse em construir esta monografia surge não somente de uma afinidade com o lugar: nasce de uma reflexão sobre a base social de meus antepassados; de minha formação sociocultural catalisada da vivência das culturas de rua ligadas a juventude como são o *hip hop*, o *funk* e o movimento *punk*; e do estranhamento cultural que partilho em relação às comunidades periféricas que, mesmo tão presentes no tecido urbano, me levaram a visualizar outras expectativas sociais que estão além do prescrito em meu lugar social.

Até alcançar o tema desta etnografia, minhas investigações empíricas passaram por duas modificações do objeto de pesquisa (e do interesse pessoal) que descrevem o movimento que consolidou a pergunta etnográfica deste texto. Dentro do universo cosmopolita da cidade, fiz um primeiro recorte territorial inicial, que foi a praça Rio Volga no município de Contagem (Minas Gerais), e me engajei em construir um olhar científico para as dinâmicas sociais da população juvenil local. Foi nesta cidade, durante o ano de 2014, período de início desta empreitada etnográfica,

que busquei desenvolver minha questão antropológica a ser pesquisada: como operava a sociabilidade e apropriação do espaço urbano (Magnani, 2002, p21.) na praça Rio Volga.

Ao longo dos anos, registrei idas a campo pouco produtivas em meu *locus* etnográfico. Em 2018 o local foi cercado por tapumes e demolido para dar lugar a uma estrutura de controle de cheias do córrego Riacho das Pedras. Em poucos meses, a vida social naquele equipamento público foi dizimada: o espaço de convivência deu lugar ao canteiro de obras; as interações sociais deram lugar ao entulho, cercas e máquinas de construção. A demolição da praça, portanto, foi inesperada e conseguiu minar minhas expectativas etnográficas projetadas para o local.

Findada a etnografia na praça, me voltei para um segundo objeto de pesquisa em 2018. A nova tentativa de pesquisa também surgiu de uma questão de afinidade com o campo etnográfico e passou a ser na região leste de Belo Horizonte. O objetivo foi investigar as motivações da interação entre ciclistas na participação de determinados coletivos do chamado "pedal urbano". A expressão coloquial se refere aos eventos de pedalada que aconteciam naquele recorte territorial. Estes eventos podem ser desde encontros de amigos até grandes manifestações políticas nas ruas.

Mas no mesmo ano, após alguns meses pedalando com este grupo de ciclistas, fui surpreendido pela dinâmica de intermitência nas interações sociais de meus interlocutores. Faltou-me a perspicácia de perceber que, na dinâmica específica deste coletivo de ciclistas, há uma rotatividade de pessoas que é sazonal. Alguns sujeitos se ausentaram temporariamente, outros sumariamente pararam de pedalar. O fato é que, aos poucos, meus interlocutores acabaram por se tornar indisponíveis e, imediatamente, percebi que isto prejudicaria a regularidade da relação com meu campo de pesquisa.

Contudo, sem abrir mão do problema das sociedades complexas, e de todas as expectativas pessoais de se construir uma antropologia voltada para a cidade, foi verificando as sugestões colhidas no espaço acadêmico que, no final do ano de 2018, me atentei ao viés etnográfico da obra textual da escritora mineira Carolina Maria de Jesus (1960). A atração pela posição de alteridade de seus relatos em relação à paisagem urbana da cidade de São Paulo foi imediata. Embora

não sejamos contemporâneos, percebo que Carolina poderia ser uma informante imprescindível junto a seus diários que correspondem aos cadernos de campo desta nova empreitada etnográfica. A autora produziu crônicas duras sobre a invisibilidade social (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.52) de sua condição de vida na favela do Canindé. Seu legado literário como escritora negra e favelada imediatamente foram a porta de entrada para transformar meu estranhamento pessoal sobre as comunidades periféricas em discussões etnográficas objetivas do território da favela.

Com um tema finalmente em mãos, é de forma atribulada que descrevo o movimento que definiu a pergunta etnográfica que faço nesta monografia. Em um período de quatro anos, desde o Laboratório de Pesquisa em Antropologia I, em 2014, marcado por dificuldades em estabelecer regularidade no campo, minha questão variou desde escopos genéricos sobre interações sociais juvenis até pressupostos de mobilidade urbana. Quando me assentei em definitivo na análise etnográfica do livro de Carolina, *Quarto de Despejo*, em um primeiro momento, elaborei uma premissa meramente superficial. Mas com a assimilação das descrições da favela do Canindé, das categorias nativas e da imersão nos relatos, pude alcançar o *insight* que delimita minha questão teórica: o questionamento sobre como a favela é construída enquanto espaço marcado por classe, raça e gênero na escrita de Carolina.

Quarto de Despejo é um livro autobiográfico compilado a partir de diários pessoais escritos por Carolina em meados do século XX. É a obra *best seller* da autora que nos mostra um aspecto específico das dinâmicas sociais da cidade de São Paulo: a vida na favela do Canindé rodeada pela fome e pelo desamparo social. O livro é composto por um apanhado de mais de duzentos relatos que, embora componham uma autobiografia, nos revelam uma foto da condição de exclusão social da periferia brasileira da época. Os relatos que encadeiam a construção textual sobre a favela constituem o recorte territorial e interesse objetivo desta etnografia. Marcado por uma linguagem coloquial impactante, o livro possui grande apelo etnográfico na medida em que relata narrativas da autora, enquanto favelada, que demarcam as várias nuances da extinta favela do Canindé, zona norte de São Paulo, cenário de enredo da autora.

Carolina Maria de Jesus, a autora de *Quarto de Despejo*, por sua vez, é a interlocutora principal desta monografia. Enquanto escrevia sobre o mundo visto da janela de seu barraco na periferia de São Paulo, a escritora nos revelou expectativas que vão desde a esperança de residir em um lar confortável às mágoas dos conflitos que presenciava na favela do Canindé. Para a autora, escrever era uma válvula de escape. Carolina tornava-se sujeito político enquanto escrevia seus relatos, sua escrita era sua condição social de existência (Gonçalves, 2014, p.21). A escritora, que nasceu em uma família pobre de lavradores no início do século XX em Minas Gerais, desafiou sua condição social expondo mazelas sociais como o racismo estrutural, o ódio de classe e a fome nas comunidades periféricas enquanto buscava o sustento de sua família.

Carolina se muda para a favela no final dos anos 1940, período de grandes transformações sociais e de urbanização crescente das grandes cidades brasileiras (Gonçalves, 2014, p.27) como é o caso da cidade de São Paulo. A capital paulista se transformava em uma metrópole impulsionada pela industrialização, pela expansão de seus bairros e pelas migrações internas (Rolnik, 1989, p.11). A favela do Canindé, localizada na zona norte de São Paulo, às margens do rio Tietê, nasceu como um território à margem da cidade paulista a qual projetava um modelo de urbanização excludente (Rolnik, 1989, p.17) que atingiu principalmente populações pretas e pardas. Embora a autora esteja sempre presente ao que acontecia no Canindé, sua relação com o território da favela é sempre de tensão e hostilidade. Relação esta que percebemos de forma ambígua quando nos remetemos aos relatos sobre homens e mulheres do lugar na medida em que a autora descreve suas impressões variando entre a empatia e a rejeição dos sujeitos da favela.

Portanto, são nestes detalhes das interações sociais que o livro, enquanto relato pessoal de inúmeras situações e impressões, ganha importância científica uma vez que nos fornece dados empíricos que podem se transformar em material de pesquisa. O relato de Carolina sobre a favela do Canindé torna-se sensível ao estudo antropológico. O *insight* de se apurar a favela enquanto espaço marcado por classe, raça e gênero começa com as vivências da autora e se encerram na construção da paisagem social em seus relatos. Temos um arranjo social nos diários que nos propõe repercutir uma diversidade de problemas como: a estigmatização (Rolnik, 1989) dos territórios periféricos, o racismo estrutural (Ribeiro, 2017) nas

relações sociais, a situação de invisibilidade social (Gonçalves & Nascimento, 2011) e solidão da mulher negra (Souza, 2018) produzida pela interseccionalidade (Collins, 2017) de opressões que incidem em seu corpo ao longo da história nacional. Também faço uma breve referência ao trabalho de pesquisa da historiadora Julia O'Donnell sobre o "método antropológico da história" (O'Donnell, 2008, p. 13) e os limites temporais da relação pesquisador-objeto; e do antropólogo Marco Antonio Gonçalves, que também pensou etnograficamente os relatos contidos em *Quarto de Despejo*, entretanto, com um olhar focado na corporalidade de Carolina.

Partindo da introdução do tema, o tópico de número 2 procura fazer uma descrição detalhada do livro, destacando seu apelo etnográfico, assim como da trajetória de Carolina, como mulher negra escritora, marcada pelo legado de resistência ao epistemicídio (Souza, 2017). Menciono também como operou a leitura dos relatos sobre a favela e a afetação do pesquisador frente às descrições dos conflitos sociais de classe, raça, gênero e território presentes no livro. Por fim, são adicionadas as descrições do longa-metragem *Cidade Ameaçada* (1960) e do disco fonográfico *Quarto de Despejo* (1961) onde busco alcançar uma melhor visualização da paisagem social e da subjetividade de Carolina.

No terceiro tópico, da Descrição Sociológica, demonstro uma organização de dados fragmentários do livro *Quarto de Despejo*, apurados pelo método de análise textual, de modo a estabelecer um mapa de informações estatísticas parciais sobre os relatos da autora. O objetivo é construir um quadro contextual propício a complementar as impressões etnográficas apreendidas sobre a favela do Canindé. Estes dados, que são de caráter secundário, foram postos em diálogo com informações demográficas da cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX, em especial, aqueles que remetem ao fluxo populacional da população negra (Rolnik, 1989) na cidade a partir de 1940.

O Capítulo Analítico, tópico de número 4, está direcionado para o método de pesquisa. É onde associo as categorias de análise dos pesquisadores alinhados ao nóculo temático - como Becker (2008), Cunha (2008), Gonçalves & Nascimento (2011), Lima (2017), Ribeiro (2017) e Souza (2018) - à teoria nativa para dissertar sobre a pergunta etnográfica do campo. Neste capítulo também explico qual é o lugar de fala (Ribeiro, 2017) do pesquisador ao perceber como o arranjo social

expresso no texto se assenta na teoria antropológica que desenvolvo sobre os relatos da favela do Canindé.

O tópico de Conclusão é onde descrevo o entendimento final que obtive sobre as expectativas da autora para si mesma, sobre a visão que constrói da favela do Canindé e de seus sujeitos expostos ao longo dos relatos. É neste momento que respondo à questão etnográfica implicada nos aspectos de classe, gênero e raça para informar a alteridade posta entre o universo dos relatos de *Quarto de Despejo* e a realidade dura da vida nas comunidades periféricas.

Enfim, a leitura desta etnografia partilha deste momento de formação crucial em que repenso um recorte territorial ligado a cidade, delimitado no tempo e no espaço, para observar como grupos marginalizados podem intermediar identidades (Lima, 2013) para além dos obstáculos de seus lugares sociais. Carolina Maria de Jesus registrou o protagonismo real de sua resistência contra a fome através da literatura. Esta etnografia, por sua vez, é um tipo de ficção, foi composta do cenário e da situação a partir de seus relatos. Por fim, expresso meus votos de boa leitura na esperança de poder entregar ao leitor um conhecimento sóbrio em cada linha desta jornada etnográfica.

Uma mudança do *locus* da pesquisa é sempre uma passagem dramática para o desenvolvimento de uma etnografia. Mas este movimento foi importante para superar a estagnação no campo etnográfico deste trabalho. Quando constatei a necessidade de me rearticular em torno de algum problema etnográfico ligado ao território urbano, os diálogos com professores e colegas sobre a temática das opressões sociais foram decisivos para o contato com a prosa de Carolina Maria de Jesus e a cogitação de etnografar, ainda que indiretamente, a favela do Canindé. Se nos empreendimentos etnográficos anteriores, da praça Rio Volga e dos ciclistas de Belo Horizonte, não consegui perceber as dinâmicas de dispersão dos sujeitos (o que me desmotivou a prosseguir com as idas à campo), a migração para os relatos de *Quarto de Despejo* renovaram completamente o meu empenho em construir reflexões sobre a paisagem social urbana.

Os primeiros relatos, assim como o prefácio do repórter Audálio Dantas, já me foram suficientes para despertar a curiosidade em vivenciar o potencial etnográfico contido no texto da escritora mineira. A partir de então, os movimentos para percorrer a narrativa de Carolina foram instintivos. A leitura e a transcrição de passagens do livro foram gradualmente fomentando minhas descrições e perspectivas sobre o mundo social que a escritora expõe. As percepções sobre as categorias nativas tão logo surgiram e precisavam ser organizadas. Restou-me a necessidade de me posicionar de modo a perceber como a favela ia sendo caracterizada e partir para a escrita como forma de produção de conhecimento. Embora a prática etnográfica em torno do livro *Quarto de Despejo* não contemple um compartilhamento do tempo, seja entre o pesquisador e o campo de pesquisa, ou deste com o diário de campo, o estímulo à escrita que projeta este relato etnográfico foi o estágio decisivo para consolidar uma imersão cultural propícia para aprender a ouvir o outro e para moldar a questão etnográfica sobre a favela do Canindé.

O livro *Quarto de Despejo* foi publicado originalmente em 1960 e se torna sucesso absoluto de vendas dentro e fora do Brasil. Embora se trate de um livro autobiográfico escrito há pouco mais de meio século, a obra retrata questões que continuam em voga nas ciências humanas e sociais como os problemas da violência de gênero, raça, classe e lugar de fala em comunidades à margem da malha urbana.

Conforme informa o portal bibliográfico oficial da escritora Maria Carolina de Jesus, *Vida por Escrito* (<https://www.vidaporescrito.com/biografia>), a autora é natural da cidade de Sacramento (Minas Gerais) e nasceu no ano de 1914. De família de camponeses lavradores, a escritora aprende a ler e a desenvolver o gosto pela escrita após terminar o segundo ano primário no Colégio Espírita Allan Kardec em 1921. Após idas e vindas para o estado de São Paulo em busca de melhor qualidade de vida, é no ano de 1937, aos 23 anos, conforme informa o antropólogo Marco Antônio Gonçalves (2014), que a escritora se muda para a cidade de São Paulo, após o falecimento de sua mãe, e vai trabalhar como empregada doméstica em cortiços e residências da capital paulista.

Figura 1 - Carolina Maria de Jesus, a “escritora favelada” – Crédito: Arquivo público do Estado de São Paulo/Produção original dos fotógrafos do “Última Hora”



Fonte: <https://www.livrosepessoas.com/tag/carolina-maria-de-jesus/> (2016)

O acervo bibliográfico oficial também aponta que é neste período que a escritora, em contato intenso com os primeiros livros de literatura, se inspira pelo mundo da escrita. Grávida e desempregada, no ano de 1948 ela se muda para a favela do Canindé, às margens do rio Tietê, na cidade de São Paulo. Carolina teve três filhos os quais criou sem a figura paterna presente: João José de Jesus (1948), José Carlos de Jesus (1950) e Vera Eunice de Jesus (1953). A partir daí iniciam-se as vivências periféricas, a luta pela sobrevivência, os relatos, a poesia e a construção de seu universo urbano enquanto sujeito social desta territorialidade.

Depois do sucesso do livro, Carolina gravou um disco em 1961 como intérprete de suas próprias músicas escritas nos diários. Antes de se tornar escritora, também foi lavradora, empregada doméstica, e passou boa parte da vida trabalhando como catadora de papéis de onde obtinha os proventos para sustentar sua família até 1960.

O legado literário de Carolina para a história da literatura brasileira lhe coloca como parte do grupo de mulheres negras pioneiras que "ultrapassaram as barreiras sociais entre o falar e serem ouvidas" (Oliveira & Silva, 2018, p.12) e são consideradas fundadoras da produção literária e feminina no Brasil. Desde o século XVIII, o conjunto de obras de mulheres negras escritoras se apresentaram como território de resistência ao epistemicídio (Souza, 2017) que, por séculos, negaram-lhes a posição de sujeito de intelectualidade. Estas autoras de poesias, crônicas, textos religiosos e pedagógicos foram, segundo a pesquisadora Florentina da Silva Souza (2017), pouco mencionadas na história da literatura nacional, por estarem em posição secundária na vida social. São mulheres como:

Rosa Maria Egipcíaca Vera Cruz, Teresa Margarida da Silva e Orta, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Auta de Souza, Gilka Machado e Maria Carolina de Jesus podem constituir um conjunto de primeiras mulheres negras que escreveram textos literários no Brasil. (Souza, 2018, p.22)

Da mesma forma que a composição textual crua (e peculiar) de Carolina me chamou a atenção pela potência etnográfica, ela também foi objeto de admiração pela sociedade letrada paulistana nos anos 1960. O livro *Quarto de Despejo* foi publicado com a ajuda do repórter alagoano Audálio Dantas. O jornalista foi quem descobriu a autora em 1958, durante um trabalho jornalístico na favela do Canindé. Os relatos de Carolina de Jesus contidos em seus cadernos, dos quais se originou o livro, foram lidos, organizados e compilados em 1960. A afinidade do repórter com a escrita de Carolina levou a publicação da primeira edição do livro e sua posterior divulgação internacional. Segundo pesquisa feita sobre o livro em acervo histórico por Gonçalves (2014):

A primeira tiragem de dez mil exemplares se esgota em poucos dias. Carolina ganha o mundo: Time, Paris Match, Life, Le Monde, jantares com a "sociedade paulistana", viagens para o Uruguai, Chile e Argentina, entrevista no Copacabana Palace, encontro com Clarice Lispector, prefaciada pelo escritor italiano Alberto Moravia.

Esse é o seu novo circuito engendrado por sua escrita.
(Gonçalves, 2014, p.40)

Após o livro *Quarto de Despejo* ser lançado em 1960 e ter alcançado grande sucesso de vendas, a obra foi traduzida para aproximadamente 13 línguas. Enquanto se torna uma escritora de popularidade estrondosa e fenômeno de vendas do mercado literário brasileiro, Carolina se muda da favela do Canindé e publica em 1961 o livro *Casa de Alvenaria*. Neste livro, a autora escreve sobre a vida fora da favela com as implicações sobre sua fama e a nova vida social de escritora saída do Canindé. Mas o novo livro não é bem recebido pela imprensa e não consegue emplacar o mesmo sucesso de crítica literária de *Quarto de Despejo*. Somado a isso, Gonçalves (2014) também afirma que os desdobramentos político-sociais do golpe militar de 1964 no Brasil projetam a autora em um cenário gradativo de esquecimento na cena cultural que se seguiu até seu falecimento, por motivos de saúde, em 1977, na cidade de Parelheiros (São Paulo). Até sua morte, Carolina havia publicado mais dois livros após *Quarto de Despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961). São eles: *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (196-).

Saindo um pouco do problema da pesquisa e reconhecendo o sentimento do pesquisador, podemos partir para um exercício mental de transformar o incômodo para estimular a intuição e a reflexão sobre o mundo com o objetivo de, enfim, pensarmos a pergunta etnográfica da pesquisa. Enquanto percorro as páginas do diário de Carolina e vejo sua luta contra a fome, olho para trás e repenso minhas origens, em especial a história de vida de minha mãe: filha de camponeses pobres, sua mãe costurava para ajudar sustentar os sete filhos mesmo após ter as duas pernas amputadas devido a uma doença congênita, seu pai vivia de pequenos trabalhos temporários e também catava de papéis que encontrava pelas ruas de Belo Horizonte para obter algum dinheiro nos ferros velhos da cidade. Afirmando ser desproporcional sugerir qualquer comparação da vida de Carolina com a de minha família materna. Porém é inevitável não associá-la às lembranças humildes de minha base familiar durante a leitura de seus relatos.

Outra lembrança que me ocorreu foi a da adolescência no bairro Vila Pérola, subúrbio do município mineiro de Contagem, de 1993 a 2002, que remete às memórias lúdicas que ainda possuo da Favela do Ressaca. A favela está localizada

na parte baixa do bairro e a vivenciei como uma zona de passagem de um bairro para outro através do acesso por seus becos e vielas. São vivências amenas como a do futebol no campo do Ressaca; o som alto das festas de *funk melody* que aconteciam na favela nos anos 1990; as gincanas de rua como brincar de Polícia e Ladrão, quando eu e a turma de amigos nos espalhávamos por todo o perímetro do bairro; e, por fim, algumas amizades intermitentes que nasceram nas salas da Escola Municipal Professora Maria de Matos da Silveira, núcleo educacional que atendia a toda a comunidade do bairro, seja da favela ou do asfalto. Embora neste período eu possa ter presenciado algumas poucas experiências negativas como uma briga de adolescentes, nestes quase dez anos de vivência no bairro Vila Pérola, a favela, como recorte territorial, foi vista sempre como uma alteridade ponderada, com a qual convivi sem maiores problemas ou reflexões a respeito das demandas das gentes da Favela do Ressaca.

O livro *Quarto de Despejo* é um texto que mistura lirismo com uma linguagem crua. A obra tem o potencial de prender o leitor pela força de sua prosa assim como pelos aspectos sociais e históricos na medida em que constrói narrativas da Favela do Canindé, comunidade da zona norte da cidade de São Paulo que existiu até meados do século XX. Conforme pontua Gonçalves, é no Brasil da década de 1950, período caracterizado por transformações sociais profundas, marcadas pelo êxodo rural para os grandes centros urbanos nacionais, que nascem os relatos que compõem o livro. Tida como um cenário em termos gerais para Carolina enquanto escrevia, a cidade de São Paulo era uma metrópole de industrialização incipiente que ainda começa a experimentar os processos de modernização em grande escala na economia, na infraestrutura da cidade, na industrialização, nos arranjos sociais, etc. Esta é a era do rádio, dos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Os anos 1950, enquanto período histórico, refletiram no imaginário social da população brasileira uma crença de que o país como um todo estava em "caminho para o desenvolvimento" (Gonçalves, 2014, p.27), impulsionada pelas recentes transformações sociais ainda em curso, vislumbrada com o conforto do mundo capitalista moderno, o *american way of life* o qual é traduzido nos novos costumes da vida urbana e no uso da tecnologia dos recém chegados aparelhos domésticos da época.

Junto às transformações demográficas da década de 1950, que atingiram principalmente as capitais brasileiras associadas a migração interna de populações rurais para as metrópoles em busca de emprego, acentua-se neste período o inchaço das cidades e os problemas socioeconômicos consequentes deste processo. São demandas como o déficit habitacional, crises na assistência social, de segurança alimentar e as altas taxas de desemprego. Neste contexto de inchaço, surgem em São Paulo as primeiras favelas, como a do Canindé, que existiu na margem do rio Tietê (Gonçalves, 2014), na zona norte da capital paulista.

Figura 2 - Carolina Maria de Jesus e o rio Tietê. Foto: Audálio Dantas (1958).



Fonte: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br> (2019)

Os relatos de Carolina, para além da textualidade que articula a escrita lírica e a crônica, foram lidos por mim como um depoimento etnográfico duro que explicita de maneira crua todas as situações imponderáveis relacionadas à invisibilidade social (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.52) da Favela do Canindé - uma das primeiras comunidades carentes localizadas à margem da maior metrópole brasileira que é a cidade de São Paulo. Enquanto acessamos os relatos e falamos da exclusão social da favela como base de argumentação de nossa questão etnográfica, noto que as principais categorias nativas que contornam os episódios e desabafos escritos por Carolina são a própria favela, a cidade de São Paulo, a revolta com os políticos, o diário como um recurso de fuga da realidade, as impressões sobre as mulheres e sobre os homens acumuladas através das interações sociais, o sentido da própria vida como mãe e mulher favelada, a fome

que está sempre vinculada a pobreza e as expectativas pessoais sobre a pele negra (Jesus, 1960, p.58). Estes aspectos serão mais bem discutidos no tópico analítico uma vez que minha pretensão aqui é transitar pelos relatos de Carolina de modo a observar nosso *locus* etnográfico.

Nas passagens em que a autora faz descrições sobre a favela, ela acaba por conectar sua trajetória de vida com a história do território urbano da cidade de São Paulo que, em meados do século XX, conforme informa a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik (1989), seguia em plena expansão tanto demográfica quanto espacial. É uma perspectiva de análise que dialoga com o trabalho de pesquisa histórica feita pela historiadora Julia O'Donnell quando buscou apurar, via pesquisa em crônicas jornalísticas antigas, o componente etnográfico dos relatos do repórter pré-modernista João do Rio. O jornalista escreveu sobre os códigos socioculturais (O'Donnell, 2008, p.22) vigentes na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX, momento em que a cidade fluminense passava por mudanças sociais radicais. Devido à menção do perfil historiográfico contido nos diários de Carolina, *Quarto de Despejo* também pode ser equiparado a um testemunho histórico das periferias da cidade de São Paulo. O perfil histórico dos diários é um aspecto complementar importante para a contextualização desta etnografia. É um aspecto paralelo à visualização do diário como registro etnográfico ou como registro da vida de Carolina enquanto mulher negra e favelada na cidade de São Paulo nos idos de 1950.

Voltando ao aspecto etnográfico em torno das principais categorias analíticas que compõem nossa questão antropológica (as questões de classe, raça e gênero), verifico que são nos relatos de conflitos sociais vivenciados pela autora que se revela o material de pesquisa passível de abordagem etnográfica. Carolina relata, ao longo das mais de duzentas entradas, os conflitos e as mazelas que presenciou no período em que residiu na favela até 1960. O ódio de classe, o machismo, a discriminação de cor, de raça e as estigmatizações ligadas ao seu território (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.51) partem de todos os segmentos sociais, inclusive de instituições de assistência social do Estado:

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Para não ver meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas

deslizar¹ dos olhos dos pobres. A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p.37.

A autora relata episódios com vários matizes de violência de gênero sofridos por ela e por outras moradoras da comunidade: espancamentos de mulheres por seus companheiros, o abandono paternal, a violência psicológica promovida por xingamentos, episódios de importunação sexual² e até ameaças de morte por parte de vizinhos.

No que diz respeito às questões de raça, Carolina também expõe cerca de cinco episódios de discriminação racial tanto nos espaços mais elitizados da cidade de São Paulo quanto no território da favela. Os episódios são recorrentes. A maioria das ocorrências está relacionada à sua cor de pele. Um exemplo de situação de racismo descrito por Carolina, acontecido em interlocução com pessoas não faveladas, é a ocasião em que a autora conversa com pessoas ligadas ao circo com o objetivo de divulgar seus escritos literários. É o que está relatado no diário de 16 de Junho:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É uma pena você ser preta.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 7.

Os episódios de discriminação racial em relatos da vida dentro da favela do Canindé também são numerosos, o que demonstra que a chaga da discriminação por raça atinge a todo o estrato social brasileiro com lastro histórico e de maneira interescolar. Conforme apurado no texto, há relatos de racismo em situações de interação social que vão desde conversas rotineiras com vizinhos até momentos de tensão durante o embate com pessoas da comunidade:

Bateram na porta. Mandei o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

¹ A ortografia das citações do livro *Quarto de Despejo* não foram corrigidas propositalmente com o objetivo de preservar a autenticidade da construção textual de Carolina Maria de Jesus em suas entradas nos diários.

² A Lei Federal nº 13718/2018 foi sancionada para transformar em crime o ato de importunação sexual. Esta conduta, que é diversa do ato de assédio sexual, é punida com pena de um a cinco anos de reclusão.

- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 23.

É importante destacar que as discriminações de raça e classe, embora sejam fenômenos sociais analiticamente distintos, em geral entremeiam-se na vida social urbana do Brasil desde a sua colonização. Conforme pontua Lima (2017), estes eixos de discriminação intercalados possuem precedentes históricos implicados em um "sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão" (Hall, 2009, p.66).

No entanto, como estamos prosseguindo com a apreensão das questões por partes, o tema da discriminação de classe social, por si mesma, também é outro ponto sistematicamente posto durante os relatos no livro. Conforme informa Cunha (2007), as percepções do Estado em relação às favelas da cidade de São Paulo durante a década de 1950 estão marcadas pela situação de descaso e violência desde fins do século XIX. Quando estes territórios são sistematicamente submetidos ao processo de estigmatização em sua imagem social, na medida em que seus moradores são fisicamente e moralmente afetados, esta vulnerabilização pode progressivamente provocar morte, tortura física (Cunha, 2007) e humilhação. Eventos relacionados com a estigmatização de moradores de favelas, a falta de solidariedade social ou mesmo com a invisibilidade social (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.52) de Carolina podem ser verificados, por exemplo, em relação ao acesso aos equipamentos públicos como exposto no relato de 22 de Maio:

Falei com o senhor Alcides:

-Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

- Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito... Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantropico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

- Chama um carro de preso!

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 23.

Tais manobras de menosprezo no trato social em relação aos favelados, como o do relato acima, apenas exemplificam um tipo de mazela produzida pela

discriminação de classe social e raça por parte de agentes do Estado. Há outros exemplos apontados nos relatos do livro *Quarto de Despejo* como: ausência do serviço social, de saneamento básico, água potável, transporte público, policiamento em áreas de risco e urbanização de espaços públicos.

Dada a constatação dos desafios enfrentados pela autora na luta por sobrevivência de sua família, o livro, de fato, conseguiu me transmitir um sentimento de inquietação, que está posto na saga de Carolina, sobre o que era a vida na extinta favela do Canindé. A situação etnográfica a qual me inseri através da imersão nestes diários também foi uma situação afetiva de confrontação. Da introdução do texto feita a partir do prólogo escrito por Audálio Dantas, seguindo pelas dezenas de relatos até a entrevista feita com Carolina ao fim do livro, foi-nos apresentado desabafos, em meio a uma história de lamentos por parte da autora, que afetam visceralmente um leitor atencioso com um misto de revolta e angústia. Foi com esta expectativa intensa que prosseguimos nas leituras que fundamentaram esta etnografia.

Por fim, após analisar todos os relatos do livro, outras referências materiais, contemporâneas a Carolina e a favela do Canindé, também surgem neste processo e foram adicionadas na etnografia no esforço de ampliar a análise teórica dos relatos sobre a vida na favela. Se o livro *Quarto de Despejo* pôde nos fornecer um panorama etnográfico abrangente sobre o nosso campo de pesquisa, nos próximos relatos expomos a análise etnográfica do filme *Cidade Ameaçada* (1960) assim como do disco fonográfico *Quarto de Despejo* (1961). Estas descrições adicionais me ajudaram a contornar aspectos mais específicos do campo etnográfico: a paisagem da favela do Canindé, em seu período real de existência, e as categorias de emoção captadas da voz de nossa interlocutora.

O que propomos com este tópico etnográfico dividido em três partes foi a busca pela afetação etnográfica de modo a enxergar um sistema de referências culturais de Carolina em relação à favela do Canindé. Neste primeiro tópico etnográfico descrevemos os diários de Carolina como recurso básico desta etnografia; nos dois seguintes são descritos um filme e um registro musical contemporâneos à vida Carolina e diretamente relacionados à questão desta etnografia. São dados etnográficos com profundidade que, depois de revisitados,

podem provocar tanto uma sensação de surpresa nos pesquisadores da obra de Carolina Maria de Jesus quanto um estranhamento na relação "nós e outros".

Desta forma, concluo que, após me projetar numa experiência de imersão no livro *Quarto de Despejo*, é impossível não vislumbrar a resistência e determinação de nossa protagonista frente à trajetória miserável a que foi submetida em sua época. Sinto-me também consternado com o testemunho histórico com que a autora eterniza seu mundo, por suas próprias palavras, em crônicas e versos, visto de dentro da favela às margens do rio Tietê. Carolina foi uma mulher que lutou contra as barreiras da pobreza, da fome, da violência do racismo e do machismo e, desta forma, se eternizou como uma das mais importantes escritoras afro-brasileiras da história literária. Portanto, registro aqui um sentimento de fascínio como pesquisador em presenciar uma trajetória tão rica em detalhes como foi esta vivida na extinta favela do Canindé, uma das primeiras favelas do Brasil do século XX.

Figura 3 - Planta da favela do Canindé -
Crédito: Divisão do Serviço Social da PMSP (1962)



Fonte: <https://slidex.tips/download/carolina-maria-de-jesus-uma-trajetoria-urbana> (2017)

2.1 O Filme e o Campo

O exercício de escrever uma descrição etnográfica é fundamental como processo de produção de conhecimento para a antropologia. É uma construção que não se encerra na descrição do tema etnográfico imediato. Na medida que avançamos com as descrições do capítulo etnográfico, podemos construir no tópico anterior um panorama descritivo do nosso *corpus* investigativo que é o livro *Quarto de Despejo*. Relatamos aos leitores, até aqui, como se operou o ajuste dos olhares, como se sucederam as reflexões em cima dos antecedentes empíricos para demonstrar, enfim, como alcançamos o potencial etnográfico da escrita de Carolina Maria de Jesus. Enquanto isso, nos colocamos em posição de autor (para além de pesquisador). Motivamos-nos a escrever coisas sobre o recorte territorial de nossa protagonista e sobre nossa afetação em relação ao tema sem censuras: registramos impressões sobre a leitura o livro; buscamos localizar a posição social da autora, em sua época, como escritora negra; e deduzimos as contradições e opressões subjetivas de Carolina enquanto mulher favelada. Enfim, transformamos o exercício catártico das anotações em interesse analítico pelos relatos sobre a favela do Canindé.

Com o intuito de aprimorar nossa descrição do campo etnográfico, o movimento que faço neste tópico está em complementar as descrições anteriores em duas partes: a descrição do território da favela do Canindé, onde me concentrei em observar os cenários exibidos no longa-metragem *Cidade Ameaçada*; e o exercício de percepção das categorias da emoção através da audição do disco homônimo ao livro de 1961.

A grande importância deste tópico está em apresentar as descrições da favela, em seu período histórico de existência, captadas através das cenas do filme *Cidade Ameaçada* de 1960. A produção cinematográfica ilustra claramente vários aspectos de interação social, tidos como corriqueiros no Canindé, que estão descritos no livro: a brincadeira das crianças no lugar, o movimento de populares pelas ruas cheias de terra e as bebedeiras eufóricas dos sujeitos da favela. Segundo as informações contidas no relato de 13 de Agosto (Jesus, 1960, p.165), do livro, atores e funcionários da produtora Cinematográfica Inconfidência Ltda. estiveram presentes na favela do Canindé para captar imagens do longa-metragem em 1959:

Voltei para a favela. Quando cheguei, a Vera estava na janela, olhando as máquinas da Vera Cruz que vieram filmar o Promessinha. Vi várias pessoas olhando as cenas.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 107.

O filme conta a história de Nico (Reginaldo Faria), um jovem criminoso da cidade de São Paulo que se torna famoso na imprensa paulista à medida que logra êxito em assaltos e fugas cada vez mais audaciosas. Sua fama o torna alvo de uma caçada implacável feita pela polícia da cidade e também motiva o romance com a jovem operária Terezinha (Eva Vilma). O filme, que me remete instantaneamente a temática gangster de Bonnie & Clyde típica do cinema norte-americano, é uma crônica policial de grande apelo popular para o público brasileiro da época conforme pontua o jornalista Inácio de Araújo (2018) do jornal Folha de São Paulo. Com fotografia em preto-e-branco, linguagem forte e cenas de muito movimento, o longa-metragem de Roberto Farias se desenrola por cenários típicos da cidade de São Paulo de meados do século XX: as calçadas da metrópole, os bairros industriais e a favela. A paisagem do Canindé surge na narrativa como um esconderijo de Nico e seu bando formado por Militão (Milton Gonçalves), Gringo, Natal, Trapaça e Toninho. Lá acontecem os embates de Nico com a polícia, boa parte das cenas de romance e uma farra do bando, com muito samba, bebidas e mulheres, em comemoração a mais um assalto bem sucedido.

Figura 4 - Nico (Reginaldo Faria) e seu bando no quartel general.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Si50AqhFxEY> (2013)

A figura de Nico se torna peculiar para esta etnografia pois remete à personalidade do bandido Promessinha (Jesus, 1960, p. 95). O criminoso reconhecido por Carolina é citado no relato de 8 de Agosto de 1958, ano anterior à produção do filme:

Parei na banca de jornais para ler as noticias principais. A Policia ainda não prendeu o Promessinha. O bandido insensato porque a sua idade não lhe permite conhecer as regras do bom viver. Promessinha é da favela da Vila Prudente. Ele comprova o que eu digo: que as favelas não formam carater.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 95.

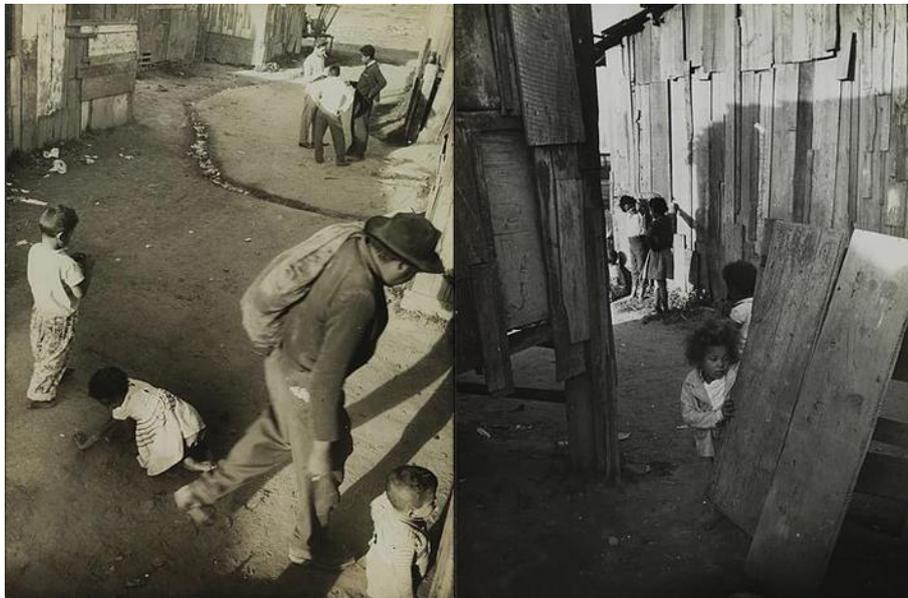
Promessinha não pertence à favela do Canindé, mas sua figura delinquente remete a outros jovens marginalizados que habitam a arena social de Carolina. Assim como Nico relata no filme que sua trajetória de crimes nasce do desamparo social e da miséria, Promessinha e outros sujeitos marginais presentes na prosa de Carolina fazem parte deste outro aspecto que ronda a perifeira: o jovem criminoso forjado na vida de abandono social. Esta figura é estigmatizada pelas expectativas classistas das elites urbanas paulistas, marcada culturalmente como uma sociedade punitivista, que representam "a gente honrada, pacata e trabalhadora de São Paulo" conforme é dito por um dos personagens no salão da delegacia no filme *Cidade Ameaçada*.

Ao longo da pesquisa biográfica que fiz de Carolina Maria de Jesus, constatei a produção de outros filmes que abordam diretamente o cotidiano duro da escritora como as produções *Favela: a vida na Pobreza* (1971) da alemã Christta Gottmann-Elter, *O Despertar de um Sonho* (1975) de Gerson Tavares e *Carolina* (2003) de Jeferson De. No entanto, a crônica policial *Cidade Ameaçada*, inspira um maior empenho em ser mencionado dado o seu valor histórico: fornece-nos uma foto real da paisagem da favela do Canindé nos anos 50 do século passado, momento em que Carolina escrevia seus diários. Paisagem esta que, de outra forma, só poderia ser acessada através do acervo fotográfico oficial armazenado no portal bibliográfico oficial da autora.

Como boa parte das locações do filme produzido em 1959 foi rodada dentro da favela do Canindé. É possível registrar algumas descrições sobre as ruas e barracos descritos por Carolina que podem enriquecer nosso olhar etnográfico.

Através da lente da câmera é possível andar pelas ruas estreitas do lugar. Dada a proximidade da favela com as margens do rio Tietê, é notável a visibilidade da lama e das valas de esgoto no chão de terra batida. Enquanto Nico caminha para se encontrar com seu bando em uma das casas da favela, percebemos a grande concentração de barracos que estão dispostos em linha. Há varais de roupa e cercas de madeira de aspecto rústico dispersos pelo ambiente. Um bando numeroso de crianças de idades variadas, conforme também descreveu Carolina em alguns de seus relatos, em sua maioria pardas e negras, estão correndo e acompanhando o protagonista da trama que vai transpondo as ruas e cruzando vielas estreitas até alcançar o esconderijo da turma de Nico.

Figura 5 - Favela do Canindé. Foto: Audálio Dantas (1958).



Fonte: <https://www.vidaporescrito.com> (2014)

Por fim adentramos aos barracos, ou malocas (Jesus, 1960, p.17), que são numerosos no amplo território do Canindé e marcam a paisagem cinzenta descrita por Carolina. À medida que a narrativa do filme se mantém nas casas da favela, seja nos encontros do bando ou nos momentos românticos de Nico e Terezinha, noto uma uniformidade na composição estética dos barracos. A maioria destas pequenas casas é feita de tábuas de madeira, chapas de ferro e telhas de barro. Há algumas casas de tijolos que se misturam na paisagem, mas que são sobrepostas pela precariedade absoluta do conjunto de edificações. Os barracos, em sua maioria, são

ambientes escuros e apertados. As janelas, por serem pequenas, dificultam a entrada da luz solar acentuando ainda mais o aspecto assimétrico e precário das construções.

Figura 6 - Nico (Reginaldo Faria) em um quintal de barraco na Favela do Canindé.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Si50AqhFxEY> (2013)

A menção do longa-metragem *Cidade Ameaçada* contida no livro *Quarto de Despejo* me projetou o *insight* de descrever aquilo que está entre a ficção do cinema policial e a prosa de Carolina. Afinal, perceber os cenários nos ajuda ainda mais a introduzir certos tipos de situações que, através descrição etnográfica, vão recompor a devastação causada pela pobreza - aspecto que não pode ser desvinculado da prosa de Carolina de Jesus.

2.2 O Disco e a Emoção

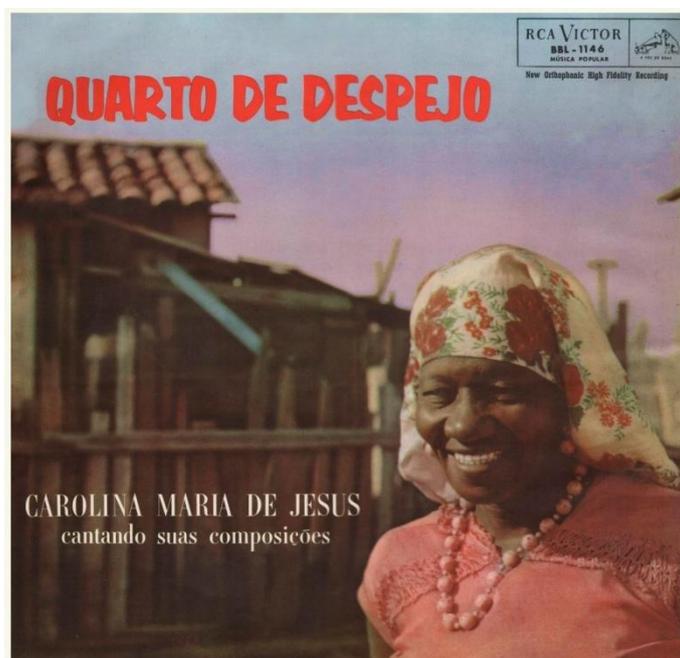
Há um fato na vida de Carolina que é consequência imediata da publicação do livro *Quarto de Despejo*: a gravação do disco com suas músicas autorais em 1961. Não há menção alguma da autora sobre o desejo de produzir um disco embora haja alguns versos musicais soltos nos relatos:

Te mandaram uma macumba
e eu já sei quem mandou
Foi a Mariazinha
Aquele que você amou
Ela disse que te amava
Você não acreditou.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 107.

Os versos acima compõem a faixa número 10 de seu registro fonográfico, o samba intitulado "*Macumba*". O que há de dados oficiais sobre este disco são as informações obtidas por Audálio Dantas, relatadas na contracapa do disco, sobre os relatos dos filhos de Carolina que afirmam que eles mesmos cantavam as músicas da mãe. E que o sonho da autora era cantar no rádio.

Figura 7 - Capa do disco fonográfico *Quarto de Despejo* (RCA Victor, 1961).



Fonte: <https://www.vidaporescrito.com> (2014)

O interesse em descrever o disco "*Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições*" (Jesus, 1961) está em apurar as categorias de

emoção que moldam a escrita da autora. Busco evidenciar os aspectos poéticos que estão postos em seus relatos para além da revolta sobre a vida na favela. Quando descobri, através da pesquisa biográfica da escritora, que Carolina também eternizou seu lirismo com melodias gravadas em um disco, e que esse registro fonográfico por sua vez é homônimo ao livro, percebi a necessidade de acessar essa manifestação cultural como um dado etnográfico complementar às reflexões sobre o livro.

O disco instiga a leitura dos diários. Mas é a partir dos diários que nasce o disco. Ambos evocam sentimentos do devir favelado da vida no Canindé de maneira única. Quando ouvi o álbum *Quarto de Despejo* pela primeira vez tive um sentimento estranho de nostalgia e tristeza. Talvez seja por projetar em minha mente a paisagem social do livro. Ou talvez seja por saber que uma mulher negra periférica do século passado, tão afetada pelas barreiras da miséria humana, conseguiu transgredir a invisibilidade social do racismo estrutural para cravar sua identidade na história da literatura brasileira.

Figura 8 - Rótulo do disco fonográfico Quarto de Despejo (RCA Victor, 1961).



Fonte: <https://www.mercadolivre.com.br> (2019)

O *long play* autoral de Carolina surgiu sob incentivo do repórter Audálio Dantas, foi produzido nas mãos eruditas do maestro Francisco Moraes e teve direção artística de Julio Nagib. O registro musical de Carolina de Jesus tem 29 minutos contém 12 faixas. A história deste disco se confunde com a própria história

da indústria musical nacional. O selo fonográfico RCA Victor, que lançou o disco de Carolina a partir da cidade de São Paulo em 1961, é apontado na página oficial da Empresa Nacional de Comunicação (EBC) como uma das gravadora mais antigas do continente americano.

Concluída a audição do disco, percebo que o conjunto das músicas me irradia um turbilhão de sentimentos que se contorcem a partir da voz estridente de Carolina de Jesus. Diferentemente do livro, não há uma crítica contundente sobre a favela em si nas canções. Mas os outros aspectos conflitantes, postos nos diários, estão lá em quase metade das músicas: a resignação quanto ao alcoolismo, ao amor não correspondido, ao casamento mal estruturado, a figura da mulher desocupada, da guerra, da criminalidade e da miséria:

É triste a condição do pobre na Terra
Rico quer guerra, pobre vai na guerra
Rico quer paz, pobre vive em paz
Rico vai na frente, pobre vai atrás

Rico faz guerra, pobre não sabe porquê
Pobre vai na guerra, tem que morrer
Pobre só pensa no arroz e no feijão
Pobre não envolve nos negócios da nação
Pobre não tem nada com a desorganização
(Jesus, 1961)

Por outro lado, há um contraste com as canções de carácter mais festivo. Este outro conjunto de faixas canta a alegria feminina e radiante da "Vedete da favela" (música que mais me cativou), a sagacidade da figura do malandro, a modéstia da vida rural que remete à origem sociocultural de Carolina e ainda a festa e a celebração da vida na favela:

Salve ela, ô, salve ela
Salve ela, a vedete da favela

Conhece a Maria Rosa?
Ela pensa que é a tal
Ficou muito vaidosa, saiu seu retrato no jornal

Salve ela, ô, salve ela
Salve ela, a vedete da favela

Maria conta vantagem que comprou muitos vistidu
Preparando a sua bagagem
Vai lá pros Estados Unidos
(Jesus, 1961)

Enfim, o sentimento de angústia que marca os relatos sobre a lama fétida do Canindé, às margens do rio Tietê em meados do século passado, se misturam à euforia destilada nas cadências de marchinhas de carnaval, sambas, xotes, música caipira e até uma valsa ao final do disco. São ritmos musicais de lastro popular irrefutável, que tem potência para afetar desde o casebre mais distante do sertão nordestino ao palacete neoclássico (Rolnik, 1989) do bairro nobre na capital paulista do século passado. O conjunto musical deste disco, à época, nos desenha uma feição adicional da favela do Canindé e demonstra também qual foi a levada musical que repercutiu a audiência nas rádios do Brasil república nos anos 1950.

Neste tópico sociológico proponho expor alguns dados sistematizados do recorte territorial de Carolina Maria de Jesus, coletados através do método de análise da produção textual aplicado à leitura do livro *Quarto de Despejo*, de forma a construir uma tabulação de dados que possa complementar as conclusões etnográficas sobre como a favela do Canindé está constituída nos diários da autora mineira. Após introduzirmos o campo de pesquisa em que localizamos socialmente nossa protagonista, partimos para a identificação da pergunta central desta pesquisa onde apresentamos as ponderações sobre a expectativa do pesquisador, a experiência pessoal de nossa protagonista e as questões analíticas que podem ajudar no diálogo entre a teoria nativa dos diários e a teoria etnográfica.

Feito estas considerações basilares, a partir do tópico anterior partimos para a imersão no campo e as descrições etnográficas atrás do estranhamento etnográfico. Acessamos os eventos e as interações sociais da autora. Adentramos como foi possível em nosso *locus* etnográfico: descrevemos acontecimentos, emoções, sentimos o cheiro da lama e até os sons que emanaram da corporalidade de Carolina. Tudo aquilo que poderia afetar nossos sentidos na interação com os relatos do livro foi revisto e descrito como uma fonte de renovação etnográfica.

A seguir passaremos para uma caracterização sociológica do universo da pesquisa que contém dados estatísticos da favela do Canindé apurados de forma fragmentada nos diários entre 1955 e 1960. Estes dados podem constituir um mapa de informação a título ilustrativo que ajuda na organização mental de nosso tema de pesquisa. Também serão incorporados dados históricos e estatísticos sobre a população negra da cidade de São Paulo da primeira metade do século XX. Estes dados estatísticos foram apurados pela arquiteta e urbanista Raquel Rolnik e nos ajudam a construir uma visão contextualizada das origens de nosso recorte territorial.

O quadro de informação que construímos neste tópico remete ao modo como organizamos os dados para permitir uma visualização didática de aspectos sociais específicos como a circulação espacial de Carolina e os lugares dos atores sociais. São informações que foram armazenadas na medida em que a análise dos diários avançou na etapa de descrição etnográfica. Registram-se duas etapas para a

construção deste relatório: a etapa de leitura e prospecção dos dados do livro *Quarto de Despejo*, onde tabulamos os sujeitos sociais e lugares; e a etapa expositiva, que remete à organização sistemática das informações de forma que possam ser analisadas e repercutidas com as principais categorias etnográficas do campo.

Antes de partirmos para tabelas e análises estatísticas, é necessário desviar o foco para a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Podemos estabelecer uma base contextual sociológica (e histórica) para o município que estimulou a inserção de populações pobres nas primeiras zonas periféricas da cidade como a favela do Canindé. Conforme informa Rolnik, a década de 1940, período em que Carolina estabelece residência na favela, é marcada por um grande "movimento de migração interna" no qual as classes populares da população da cidade, de maioria pardas e negras, tendem a se migrar para as regiões mais distantes do município. Este movimento tem como características a abertura de lotes em bairros sem infra estrutura urbana no qual a ocupação é feita via autoconstrução.

A tendência destes fluxos demográficos urbanos dentro da cidade de São Paulo, que se intensificam a partir dos anos 1930, é visto por Rolnik como um desdobramento da chegada de trabalhadores europeus, de brasileiros migrantes vindos de outras regiões do país em busca de trabalho e, principalmente das intervenções urbanas ocorridas no município a partir do final do século XIX. Promovida pela administração municipal à época, esta reorganização da malha urbana, ocorrida em São Paulo, inaugura uma fase de transformação paisagística da região central em "um Centro Burguês de ruas largas e fachadas uniformemente neoclássicas, que seria território exclusivo das classes dirigentes: seu espaço de trabalho, diversões, comemorações cívicas e religiosas" (Rolnik, 1989, p.8). O processo de renovação urbana prossegue até as décadas seguintes e, gradativamente, impele a população negra, que até então ocupava cortiços do centro velho de São Paulo, referidos como "quilombos urbanos" (Rolnik, 1989, p.7), para novos territórios negros que nascem às margens do perímetro urbano.

Em concomitância com as intervenções urbanas ocorridas na capital paulista, Rolnik afirma que a parcela da população negra que, até os anos 1930, sofria com o decréscimo demográfico nas cidades brasileiras entra em tendência de expansão

conforme dados censitários de São Paulo. Trata-se de um movimento demográfico que cria novas formas de racialização do espaço urbano. Estes dados estatísticos da década de 1940 foram coletados e armazenados pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) e também são mencionados pela autora:

Se as primeiras décadas do século foram um momento de decréscimo relativo da proporção de negros nas cidades, a década de 40 parece ter marcado um ponto de inflexão. Para o município de São Paulo, dos quase 1,3 milhão de habitantes, são apenas 108 mil ou 8,45% os pretos e pardos. Em 1950, os 224.906 pretos e partos representavam 10,3% da população. (Rolnik, 1989, p.11)

Concluído a exposição deste cenário histórico em que observamos "um movimento geral de periferização das classes populares" (Rolnik, 1989, p.10) na cidade São Paulo, em que se insere a favela do Canindé, podemos experimentar um mapeamento das informações dos diários de Carolina através da formatação dos dados tabulados. A tabulação remete à inserção de dados divididos por colunas de modo que possam ser analisados e processados estatisticamente.

As tabelas 1 e 2 mostram os dados referentes à ocupação das pessoas por tipo territorial.

Tabela 1 - Frequência e porcentagem de pessoas da Favela do Canindé que são citadas nos diários de Carolina e estão classificadas por gênero.

Sujeito	Frequência	Porcentagem
Gênero Feminino	89	54%
Gênero Masculino	74	45%
Gênero Não Identificado	1	1%
TOTAL	164	100%

Na distribuição por gênero dos personagens ligados à favela, deduzo uma predominância da população feminina no campo de investigação. Pode-se remeter a hipótese de que, em comunidades em situação de pobreza extrema tem-se uma maior participação de mulheres nas mediações sociais do lugar segundo as

entradas do diário contidas em *Quarto de Despejo*. Os três filhos da protagonista estão incluídos na contagem de sujeitos.

Tabela 2 - Frequência e porcentagem das pessoas de fora da favela do Canindé que foram citadas nos diários de Carolina e estão classificadas por gênero.

Sujeito	Frequência	Porcentagem
Gênero Feminino	14	38%
Gênero Masculino	23	42%
Gênero Não Identificado	0	0%
TOTAL	37	100%

A tabela 2 demonstra uma tendência inversa em relação à tabela 1 no que se refere à predominância de gênero por território. Conforme verificado no livro, Carolina percorre a cidade de São Paulo para, dentre outras atividades, fazer a coleta de papéis nas ruas, solicitar serviços em equipamentos públicos como delegacias e hospitais, e para obter itens alimentícios no comércio varejista instalado no perímetro da cidade. A predominância masculina na vida social fora do recorte espacial da favela, conforme demonstrado na tabela 2, em detrimento da pouca presença feminina nos lugares públicos, pode ser constatada, por exemplo, no fato de que a maioria dos estabelecimentos comerciais em que a protagonista estabelece interlocução são geridos por homens. Este dado pode deduzir o perfil da divisão sexual do trabalho nas cidades brasileiras de meados do século XX, orientado pela instituição social do patriarcado, no qual a expectativa social atribuída à mulher tendia para a exclusão da esfera pública nas interações sociais. Alguns exemplos de estabelecimentos descritos nos relatos são: Dr. Paulo (Jesus, 1960, p.107), o Arnaldo (Jesus, 1960, p13) e o sapateiro (Jesus, 1960, p96).

Carolina descreve em seus diários um trânsito territorial intenso entre a favela do Canindé e a cidade de São Paulo. Os dados referentes a estes deslocamentos territoriais foram tabulados e demonstram estatisticamente que a autora menciona os lugares da favela em menor quantidade em relação àqueles ligados à cidade. Portanto, verificada a taxa de frequência inexpressiva com que os lugares da favela são mencionados (maior frequência de estabelecimentos urbanos), eles não serão

descritos neste tópico uma vez que objetivo desta etnografia é repercutir o território da favela enquanto *locus* etnográfico.

É providencial registrar que as informações concentradas neste esboço estatístico são de natureza secundária. Não houve contato direto do pesquisador com o recorte espacial da pesquisa. Como se trata de dados obtidos a partir dos relatos de Carolina, nossa única informante, e externos à favela do Canindé, não podem ser tratados como dados primários. Também destaco o caráter parcial deste quadro de informações uma vez que a coleta foi baseada numa amostragem que não contorna toda a totalidade demográfica da arena social da autora.

Por conseguinte, ao seguirmos um panorama estatístico geral da obra, verificamos que o livro *Quarto de Despejo* é composto por 257 relatos que estão datados de 15 de julho de 1955 a 1º de janeiro de 1960. É contabilizado cerca de 200 sujeitos presentes no diário de Carolina entre pessoas de dentro e fora da favela do Canindé. Conforme informa o repórter e editor do livro, Audálio Dantas, no prólogo da obra literária, a publicação nasce a partir das entradas textuais contidas em 20 cadernos armazenados pela autora. A primeira edição de *Quarto de Despejo* é lançada em agosto de 1960. Os relatos, em sua totalidade, são escritos em formato de prosa, o que remete a uma linguagem simples e direta reproduzida no cotidiano da protagonista, mas possuem passagens marcadas pela linguagem lírica. O livro contém oito passagens contendo poesia e música de forma explícita a partir do relato de 28 de Julho (Jesus, 1960, p.91) de 1958.

Neste tópico tentei desenvolver uma análise parcial do mapa de informação construído através da análise dos relatos de Carolina em *Quarto de Despejo* à luz de da análise sociológica de modo a complementar o material empírico apreendido nos relatos etnográficos dos tópicos anteriores. No tópico seguinte disserto sobre as categorias etnográficas reveladas no campo de pesquisa e como elas implicam na construção da questão etnográfica central desta monografia.

4 Capítulo Analítico

Até aqui, alcançamos as descrições etnográficas sobre a escrita de Carolina em *Quarto de Despejo*, o que nos ajudou a elucidar contextualmente certos tipos de situações sociais presentes no recorte territorial dos relatos, no caso a favela. Através do capítulo etnográfico, pudemos eliminar a barreira do formalismo textual para enfim construir um mapa de informação com a localização social da autora, as descrições sociológicas do campo, as principais categorias nativas que surgem no texto e os dados históricos, culturais e territoriais da favela do Canindé sempre posta em relação de oposição com a cidade formal.

Temos na pesquisa antropológica dos escritos do livro, por equivalência, Carolina como a nossa informante (e protagonista) e as entradas no diário como as páginas do caderno de campo. A fase preliminar desta pesquisa etnográfica é constituída pelo acesso e análise da produção textual da escritora no livro *Quarto de Despejo*. Nesta etapa foi feita uma prospecção textual na qual extraiu-se a descrição etnográfica do conjunto dos relatos; a tabulação de dados estatísticos, como a listagens dos personagens e lugares relatados por Carolina; e o mapeamento das informações etnográficas onde conecto os tópicos temáticos junto às passagens relacionadas no texto do livro. Tanto a autora quanto os escritos, ambos localizados no tempo passado, estão postos nos limites culturais de sua época e seu grupo social: a favela do Canindé localizada na cidade de São Paulo de meados do século XX. Ao se falar do método de pesquisa que envolve um arranjo social de tempos passados, que está inscrito no livro, que não pode ser observado *in loco* por estar extinto no espaço e no tempo, é necessário cogitar a tarefa de se construir uma pesquisa etnográfica a partir do que é visto pelos olhos de nossa protagonista.

Para contornar este dilema, Julia O'Donnell, historiadora e doutora em antropologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mencionou como recurso analítico possível, no livro *De Olho na Rua: A cidade de João do Rio*, o "método antropológico da história" (O'Donnell, 2008, p. 13). Desde já afirmo que, para que não haja equívocos na construção desta análise etnográfica, trata-se de uma ferramenta analítica da historiografia que é percebida como apoio para o fazer antropológico desta etnografia. É uma metodologia capaz de analisar os relatos de Carolina de Jesus em *Quarto de Despejo* dada sua posição na relação

pesquisador-objeto temporalmente similar à O'Donnell (2008) para o cronista carioca João do Rio. Ao estudar o aspecto etnográfico da obra do autor pré-modernista da cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, João do Rio, através da apuração histórica de suas crônicas, O'Donnell informa que é função do historiador "descobrir a dimensão social do pensamento e extrair a significação de documentos, passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho" (O'Donnell, 2008, p.13). O que se sugeriu através da menção deste método historiográfico, que põe a antropologia em relação com a historiografia, é apurar os códigos simbólicos vigentes que organizavam um grupo social, naquele espaço e tempo específicos do texto. Embora haja semelhança de objeto, de campo de investigação e na sugestão do método historiográfico, os objetivos da historiadora são diferentes desta pesquisa etnográfica sobre *Quarto de Despejo*. O'Donnell está preocupada em analisar a dimensão etnográfica das crônicas de João do Rio como um todo. Ela não está analisando um fenômeno social específico na cidade do Rio de Janeiro como, por exemplo, a sociabilidade do boêmio carioca para uma reflexão antropológica.

Tal método mencionado por O'Donnell foi exposto pelo historiador Robert Darnton em seu livro *O Grande Massacre dos Gatos* de 1986. O historiador norte-americano relacionado à produção intelectual da "virada antropológica" (Eurich, 2015, p.1), um momento da historiografia das décadas de 1970 e 1980 de grande interlocução com a antropologia, afirma que o uso do "método antropológico da história" foi eficaz em captar as noções de realidade de cidadãos franceses específicos de forma a alcançar as visões de mundo específicas na França do século XVIII. No entanto, a proposição analítica mencionada por Darnton (1986) e O'Donnell também pode ajudar a apurar aspectos de alteridade postos na escrita de Carolina Maria de Jesus uma vez que, assim como no caso da abordagem etnográfica das crônicas de João do Rio, também se trata uma reconstrução lógica, embora parcial, pela via do relato etnográfico. Afinal, tanto as crônicas-reportagens de João do Rio quanto os relatos autobiográficos de Carolina Maria de Jesus têm o potencial de exercer um papel de mediação entre o universo simbólico e o universo vivido daqueles arranjos sociais específicos.

A pergunta principal nesta empreitada etnográfica foi: como, na escrita de Carolina Maria de Jesus, a favela é construída enquanto espaço marcado por

classe, gênero e raça. Esta questão etnográfica é o resultado de um questionamento prévio à leitura do livro que cogitava apenas abordar as dinâmicas de gênero, na favela do Canindé, a partir dos relatos de Carolina. Mas a questão foi aprimorada para contornar a experiência social multifacetada da autora e evitar-se, ao máximo, um falso realismo etnográfico. O *insight* desta questão etnográfica surge após a conclusão da leitura do livro. Dividida em três aspectos, a questão desta monografia surgiu a partir da constatação de debates científicos contemporâneos sobre grupos historicamente marginalizados (Ribeiro, 2017) os quais apontam que, na construção das interações sociais de um território, como a favela exposta nos relatos de Carolina, marcadores sociais de gênero, raça e classe não são categorias que se fecham em si mesmas. Os processos de construção destas categorias assim como os sistemas de poder que regem as interações na favela do Canindé se interseccionam na produção das identidades coletivas, individuais e territoriais. Estas interações também podem percorrer circuitos sociais descontínuos e heterogêneos. Desta forma, um olhar interseccional (Ribeiro, 2017) é propício para nos mostrar que a favela do Canindé, nos escritos da autora, está marcada por um mosaico de formas e contornos assimétricos (Lima, 2015) que operam interconectados naquele arranjo social.

O questionamento principal sobre a favela nos relatos de *Quarto de Despejo* articula várias categorias nativas e analíticas enlaçadas. Tal aspecto de multiplicidade da análise realça a potência etnográfica da obra da escritora mineira Carolina Maria de Jesus que, enquanto mulher negra e favelada, acionam eixos de análise que ajudam a evidenciar uma discussão cada vez mais consolidada nas ciências humanas e sociais: a interseccionalidade. Este conceito de grande importância para os estudos feministas contemporâneos, em especial, do feminismo negro (Ribeiro, 2017), objetiva relacionar as "consequências estruturais e dinâmicas entre dois ou mais eixos de subordinação" (Lima, 2015, p.4) como raça e gênero.

A interseccionalidade, conforme informa Ana Nery Correia Lima, aponta direcionamentos teóricos sobre a categoria mulher no âmbito de questões identitárias, no qual abrange uma heterogeneidade de problematizações de questões do feminismo negro e da mulher negra. O olhar interseccional é uma marcação teórica que objetiva não universalizar a categoria mulher enquanto identidade e sujeito político. É uma perspectiva de visão contemporânea que opera

em detrimento de análises simplistas quem tendem para universalização das identidades. Esta tendência universalizante de categorias promove a exclusão de sujeitos na medida em que produz a invisibilização de tipos identitários marcados pela diferença. As marcações de gênero, raça, classe, etnia e território, vistas como eixos de subordinação (Lima, 2015), são consideradas construções sociais e históricas. E por serem concebidas culturalmente, estes marcadores sociais tendem a ser utilizados para legitimar desigualdades que determinam a exclusão ou não dos sujeitos na arena social.

Enquanto prosseguimos com a discussão do método etnográfico com o objetivo de abordar a pergunta de como a favela é construída na escrita de Carolina, devemos lembrar que a antropologia é comparativa por definição. A comparação está posta na relação pesquisador-objeto e na investigação empírica que gera o estranhamento entre "nós e outros". Ela também resulta do diálogo dos pesquisadores com as pessoas do campo, no debate com outros pesquisadores e no diálogo teórico entre autores sobre um nóculo reflexivo da disciplina. Dito isto, o antropólogo carioca Marco Antônio Gonçalves, em seu artigo antropológico sobre Carolina Maria de Jesus, "Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida", é posto em evidência devido a revisão antropológica que também fez dos relatos em *Quarto de Despejo*. O pesquisador carioca também objetivou pensar o lugar da escrita de Carolina como uma fonte etnográfica de pesquisa. Ele, de forma similar, reconhece o apelo antropológico dos relatos e a possibilidade de agência da autora mineira como sujeito político de sua condição social.

Gonçalves está preocupado em apurar a dinâmica entre os escritos dos relatos e a corporalidade crítica da autora afro-brasileira. O pesquisador mobiliza os "conceitos de *grapho*, eventos críticos, testemunho, sofrimento social como forma de compreender o processo de construção da pessoa de Carolina" (Gonçalves, 2014, p.23) em seu artigo. A pesquisa do antropólogo carioca aponta para uma dinâmica textual entre o corpo e o espaço, seus territórios e partes destes corpos para buscar identificar qual a conformação do sujeito Carolina enquanto agente (e receptora) da percepção de seu sofrimento social (Gonçalves, 2014). É um recorte de pesquisa mais imediato, da escrita como forma de agência, do corpo enquanto sujeito consciente, da autobiografia e da autoescrita de Carolina fazendo sua própria

revelação da condição social em que se encontra, de forma visceral no qual a coletividade da favela do Canindé está posta em segundo plano.

No entanto, ao contrário do que se propõe esta monografia, Gonçalves não busca problematizar as relações da autora com seu recorte territorial (a favela) postas em seus relatos, ou mesmo apurar como operou as questões identitárias da favela ou, ainda, as interações com os atores sociais locais. Com a intenção de pensar a escrita de Carolina Maria de Jesus como forma de elaboração de sua própria "condição social de existência" (Gonçalves, 2014, p.23), o autor do artigo chega a conclusão de que: a autora existia como sujeito político enquanto escrevia seus relatos; e que a constituição da pessoa social de Carolina, que transita na relação cosmológica entre a favela do Canindé e as entradas de seu diário, também está implicada pela interseccionalidade das relações de classe, gênero e raça. São posicionamentos etnográficos que condizem com as expectativas desta monografia.

Os marcadores sociais da diferença citados acima - de classe, gênero, território e raça - são os principais eixos de investigação empírica que nos permite debater a questão etnográfica desta monografia. Por exigirem um olhar interseccional em sua leitura, eles não podem ser hierarquizados de forma que se evite uma maior importância de um aspecto em detrimento dos outros. Tratam-se portanto de referenciais analíticos com os quais iniciamos o diálogo com as categorias nativas mais recorrentes dos relatos em *Quarto de Despejo*. São elas: a favela, a fome, as mulheres, a pele negra, o homem, a vida, a pobreza, a cidade de São Paulo, os políticos e o diário. Para que seja feita a articulação destas categorias de forma a demonstrar como a visão da favela está posta na escrita crítica de Carolina (em sua posição de mulher negra periférica), é importante atentar para a exposição de seu discurso de modo que se evite a interferência da mediação o quanto for possível. Apesar de estarmos direcionando nosso olhar etnográfico para relatos de um diário cuja autora não está presente (o que torna esta empreitada ainda mais minuciosa), este pensar ético em relação ao discurso da mulher negra como protagonista está relacionado a um preceito básico da abordagem do lugar de fala (Ribeiro, 2017).

A teoria do lugar de fala busca romper com a intermediação do discurso. Conforme pontua a filósofa Djamila Ribeiro (2017), o discurso aqui não deve ser pensado como mera ferramenta comunicativa, mas como um "sistema que estrutura

determinado imaginário social" (Ribeiro, 2017, p.31) e que pode produzir privilégios ou opressões de identidades. O conceito, equiparado a uma ferramenta analítica, não remete a representatividade mas sim ao protagonismo discursivo dos sujeitos sociais. Embora o termo tenha uma origem não definida, sua significação foi aprimorada na base de movimentos sociais de meados do século XX, em especial o feminismo negro, que expõe para o debate público demandas de justiça social, liberdade, equidade e luta pelos direitos civis. Ainda sobre a pauta de luta do feminismo negro, Patrícia Hill Collins informa que a ética está no núcleo do movimento político por ter como meta o desmantelamento das "injustiças sociais, de raça, classe, gênero e sexualidade, que produzem desigualdades sociais nas experiências das mulheres de cor". (Collins, 2017, p14).

Como ferramenta política para perceber novas dimensões de sociabilidade a partir do lugar social e para produção de discursos contra hegemônicos, o conceito do lugar de fala (Ribeiro, 2017, p.20) estimulou várias feministas negras, na academia e nos movimentos sociais, a pensar a categoria mulher negra junto aos vínculos de raça, classe e gênero. Historicamente, a invisibilidade da localização social produzida pelo olhar colonizador (Ribeiro, 2017, p.22) sobre as populações afrodescendentes é convergida, em última instância, nas várias formas de opressões sob o corpo feminino. Historicamente, mulher negra carrega em si mesma vários sistemas de subjeção que determinam como opera sua identidade e seu modo de vida seja no aspecto sexual, social, de gênero ou de território. Quando menciona-se a mulher negra da periferia brasileira (Nascimento Silva, Oliveira, 2018), seu espaço de subjetivização em geral está subordinado à hipersexualização, ao silenciamento de sua voz política, à estigmatização (Rolnik, 1989) do seu território, ao ódio de classe social, ao preconceito racial em torno da sua cor de pele, e também à opressão do poder socioeconômico. Tratam-se de fatores que promovem a exclusão social e a consequente invisibilidade de identidade enquanto construção política e social.

O posicionamento da categoria mulher negra à luz dos escritos de Carolina Maria de Jesus, para além de todas as significações possíveis, pode também demonstrar como a autora quebra com a posição de subalternidade discursiva embora esteja em posição de vulnerabilidade social. Carolina, à medida que construiu sua representação através de relatos duros, poesias e lirismos, transgride

a lógica de invisibilidade identitária na medida que seus escritos se tornam conhecidos na favela e seus livros ganham o mercado literário nacional. A autora refuta a hierarquia dada pela representatividade discursiva e renega a imagem pré-concebida das mulheres negras, "como aquelas de apetite sexual, que trabalha sem reclamar, de vida fácil" (Nascimento Silva, Oliveira, p.13), entre outras expectativas geradas pela universalização da categoria mulher e pelo racismo estrutural (Ribeiro, 2017).

Um dos desdobramentos do uso das ferramentas de análise com posicionamento político, como interseccionalidade e lugar de fala, nos relatos etnográficos desta monografia, poderia ser a compreensão refinada das condições do lugar social ou ainda a constatação de quais são as expectativas que a protagonista partilhou com sua respectiva coletividade, a favela do Canindé. Uma das conclusões possíveis do uso destas ferramentas analíticas é verificar que, no caso do território da favela, as mulheres negras periféricas assim como a própria escritora, possuem maior possibilidade de estarem confinadas "num local de subalternidade difícil de ser ultrapassado" (Ribeiro, 2017, p.26) tornando-se mais vulneráveis às mazelas sociais já presentes. Patricia Hill Collins denomina essa posição da mulher negra nos espaços fronteiriços do convívio social como "forasteira de dentro" (Collins, 2017, p.99) e informa que a ocupação deste espaço marginal pode proporcionar à mulher negra uma visão mais abrangente de seu arranjo social.

Conforme constam em alguns relatos, sua resposta crítica a várias indagações morais de vizinhos da favela, sobre o ato de escrever, por exemplo, destoa da expectativa de ociosidade dos populares com os quais interage na favela. Esta discordância lhe atribui localmente a imagem de uma mulher solitária com seu diário. Tal situação de estigmatização e julgamento moral, por consequência da reação considerada "anormal" por seus pares, é chamado pelo sociólogo norte-americano Howard Becker de desvio.

A figura do desviante é "consequência da aplicação por outros de regras e sanções" (Becker, 2008, p.22) a um sujeito considerado infrator. O desvio atribui ao sujeito desviante o rótulo analítico de *outsider* (Becker, 2008, p.20) e está mais ligado a reação de outras pessoas do que do comportamento do indivíduo. Seguindo esta análise sociológica de grande incidência em etnografias urbanas, a conduta

conflituosa de Carolina, dada como desviante, é produto imediato do julgamento social de seus pares e, conforme pontua o sociólogo americano, também é considerado como uma posição política de marginalidade mesmo dentro grupo em que está inserida.

Figura 9 - Carolina e a favela do Canindé. Foto do arquivo público de Sacramento.



Fonte: <https://www.vidaporescrito.com> (2014)

A partir do reconhecimento deste lugar *outsider* (Becker, 2008) nos aspectos sociais, culturais e políticos, é possível propor a hipótese de que a força etnográfica dos relatos de Carolina vêm justamente da sua posição subalterna na favela do Canindé. A revolta com a vida expressa nos relatos assim como a pobreza (e a fome) permeiam o processo de construção do seu discurso desconfortante a partir do cotidiano, do qual também é protagonista. Seu lugar de fala possui potência transformadora para converter relatos em fotografias sociais (Nascimento Silva, Oliveira, 2018) e sua autobiografia em uma análise detalhada da localização social e cultural da mulher negra periférica brasileira do meio do século XX.

A objetividade da antropologia vem do encontro de subjetividades. A empiria de eventos, interações, palavras e textos constituem uma ponte entre os diferentes sujeitos deste processo de afetação. Como pesquisador acadêmico desta empreitada etnográfica que busca teorizar, através do olhar moldado pela antropologia, a construção da favela do Canindé pelos relatos de Carolina Maria de

Jesus, vejo ser necessário marcar minha posição como antropólogo e frisar a minha localização social que é diversa a da escritora Carolina de Jesus. Embora de origem simples e filho de pais camponeses imigrantes do interior do estado de Minas Gerais, minha formação sociocultural como homem pardo, heterossexual, de residência suburbana e estudante do ensino superior, não permeia efetivamente o mundo rural ou da favela. O território da periferia, conforme descrevo no capítulo etnográfico, sempre foi dado como a zona adjacente ao bairro de classe média no qual residiu meu núcleo familiar no município de Contagem (estado de Minas Gerais). Ou seja, meu lugar de fala é diverso da posição da autora.

As interações que estabeleci com o arranjo social da favela foram sempre intermitentes, lúdicas e marcadas pelos modos de ação oriundos das relações de poder expressos entre a cidade legal e a informal. É preciso ter consciência que não cabe ao antropólogo exercer a representatividade de mediar o discurso da mulher negra e favelada em posição de subalternidade (Nascimento Silva, Oliveira, 2018), como é o caso da escritora de *Quarto de Despejo*, ou mesmo falar por seus relatos. Pois ao mediar o discurso de outros indivíduos (ou coletividades), o pesquisador termina por corroborar com a situação de silenciamento destas vozes historicamente oprimidas pelas estruturas de poder.

Por conseguinte, para se responder como a favela está posta nos textos de Carolina, é necessário rever as impressões dadas pela autora nas situações sociais que surgem em seus escritos e confrontá-las com as relações de poder em torno das categorias analíticas de classe, raça e gênero, sempre em interseccionalidade com a categoria território. Evidencio também alguns pressupostos científicos correlatos para dissertar sobre as impressões dadas por Carolina em seus diários. O objetivo aqui, reitero, é estabelecer um debate entre as principais categorias nativas apreendidas em *Quarto de Despejo* e as categorias analíticas acima expressas.

Sobre os aspectos de classe, a antropóloga Olivia Gomes da Cunha aponta que a territorialidade das favelas brasileiras, desde o seu surgimento no início do século XX, sempre foi retratada com um olhar de estigmatização social quanto aos seus aspectos negativos. Esta visão hostil foi reiteradamente produzida pelas elites econômicas nacionais assim como pela grande imprensa da época que enfatizava a favela como uma zona de confronto social constante no qual o seu morador está

Parte das ponderações citadas acima remetem a seu sujeito político enquanto mulher negra e devem abordadas sempre com um olhar de interseccionalidade uma vez que as opressões de gênero estão implicadas a eixos de subordinação de raça e classe social. Carolina cita um caso de importunação sexual sofrido por ela, no relato de 30 de Agosto (Jesus, 1960, p.105), vindo de um homem desconhecido: a passagem informa que a autora foi até o comércio do senhor Eduardo para comprar querosene. Dentro do estabelecimento, o homem que estava próximo pergunta se a escritora sabia ler e lhe entrega um bilhete contendo um convite para prática de ato sexual. A autora, por sua vez, se mantém em silêncio e devolve o bilhete para o desconhecido.

Esta situação de violência pode remeter a um olhar opressor (Ribeiro, 2017) culturalmente legitimado pelo homem ao longo de séculos. Tal relato de opressão sexual remete a uma expectativa de exploração sexual por parte do homem colonizador em relação a mulher negra, determinada por relações de racismo, que abrange a imagem pré-concebida da mulher de "imenso apetite sexual" (Nascimento Silva, Oliveira, 2018, p.13).

Os episódios que expõem ameaça de agressão física e ameaça de morte contra a autora e outras mulheres da favela, contidos nos relatos de 28 de Maio (Jesus, 1960,p.40) e 1 de Junho (Jesus, 1960, p.43), remetem à relação com os homens e a reprodução do machismo como vetor de opressão de gênero:

É três e meia da manhã. Não posso dormir. Chegou o tal Vitor, o homem mais feio da favela. O representante do bicho papão. Tão feio, e tem duas mulheres. Ambas vivem juntas no mesmo barraco. Quando ele veio residir na favela veio demonstrando valentia. Dizia:

- Eu fui vacinado com o sangue do Lampeão.

Dia 1 de janeiro de 1958 ele disse-me que ia quebrar-me a cara. Mas eu lhe ensinei que a é a, b é b. Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrizeis. Ele deixou de aborrecer-me porque eu chamei a radio patrulha para ele, e ele ficou 4 horas detido. Quando saiu andou dizendo que ia matar-me.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 43.

A associação destes aspectos à categoria analítica de raça, de modo estatístico, são determinantes para constatar a maior possibilidade da mulher negra sofrer violência física conforme pontua Djamilia Ribeiro ao denunciar o "genocídio da

população negra e a usurpação da liberdade das mulheres" (Ribeiro, 2017, p.25). Este debate sobre o problema da opressão de caráter racial (Ribeiro, 2017, p.17) também faz referencia ao conceito de "genocídio aplicado ao negro brasileiro" (Nascimento, 1978, p.21), do escritor brasileiro Abdias do Nascimento (1978), que problematiza o mito da democracia racial permeado na cultura brasileira, no discurso oficial e na literatura de modo a construir uma reflexão sobre a condição social do povo negro ao longo da história do Brasil.

Quanto ao posicionamento moral da autora em relação a homens e mulheres adultos da favela do Canindé, é possível apontar um aspecto de ambiguidade que remete a suas próprias impressões sobre a vida na favela. Pode-se observar contradições em seu discurso que torna sua narrativa imponderável em alguns momentos. As passagens que versam sobre a conduta das mulheres residentes da favela, por exemplo, conforme pontua Gonçalves (2014), é marcada pela dualidade na assimilação de sua localização social. A autora, ao conectar sua base cultural rural (e tradicional) com padrões de comportamento da cidade, produz críticas à sociabilidade na favela do Canindé que incidem "sobre os papéis de gênero, recaindo sobre as mulheres" (Gonçalves, 2014, p.28). Nestas passagens específicas, como no relato de 20 de Maio (Jesus, 1960, p.132), temos momentos de crítica ao aspecto de conflito social feminino quando Carolina diz que:

As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 132.

No entanto, outra passagem distinta remete a um estado de empatia da autora com relação às mulheres presentes no seu recorte territorial:

Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 33.

A ambiguidade no discurso também pode ser verificado quando Carolina renega a companhia de um pretendente e afirma sua independência afetiva:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero já que estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta pra escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 44.

Porém, o sentimento de autonomia em relação a figura de um cônjuge é refutado em outra passagem. No relato de 20 de Julho a autora pontua, em tom de lamento, a ausência do homem enquanto parte de seu núcleo familiar:

Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 19.

A passagem acima remete a um sentimento de desamparo motivado pelo fato de Carolina ter criado seus filhos de maneira solitária. Tal situação familiar equipara-se ao conceito da família matrifocal com o qual Souza qualifica a ocorrência de núcleos familiares chefiados por mulheres negras brasileiras. Estas mães, "na sua grande maioria solitárias, muitas vezes mães solteiras, como eixo central de seus lares e que, por não terem casado, seja por escolha voluntária, seja por dificuldades sociais ou por preterimento do parceiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou de estabilidade amorosa" (Souza, 2008, p.42). A condição familiar exposta acima, quando associada à questão de gênero e raça, abrange um precedente histórico da mulher negra brasileira. Trata-se de um fenômeno social antigo que motiva pesquisas contemporâneas cada vez mais recorrentes das ciências sociais relacionadas a questões de gênero e raça.

Trata-se portanto da abordagem ao conceito de "solidão da mulher negra" (Souza, 2008, p.26). Esta categoria analítica remete a um panorama sócio-demográfico brasileiro contemporâneo verificado através da pesquisa científica da pedagoga e Mestre em Ciências Sociais Claudete Alves da Silva Souza. O estudo qualitativo feito pela cientista aponta que, estatisticamente, a mulher negra no Brasil está exposta a solidão afetiva e sexual devido a uma postura de preterimento praticada pelo parceiro da mesma etnia no referente ao mercado matrimonial. Este sintoma social tem implicações em sua condição humana nas escalas individual e social. Trata-se de um fenômeno antigo na medida que possui precedente histórico

nas relações de raça, gênero e classe dos povos afro-brasileiros desde o rompimento da diáspora africana no Brasil enquanto domínio de Portugal.

No que se refere a construção da favela relacionado aos desdobramentos das relações de raça, é importante delimitar o conceito antes de prosseguirmos com a análise dos relatos de Carolina no esforço de se evitar, ao máximo, a prática de uma leitura antropológica antiética das pessoas das periferias. A categoria raça não deve ser pensada como conceito científico. Conforme informa Stuart Hall, raça " é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão " (Hall, 2009, p.66).

Para ilustrar a ocorrência desta categoria analítica, é possível apontar tanto episódios de discriminação racial quanto de autoafirmação por parte da escritora brasileira. Também há um terceiro tipo de relato relacionado a questão racial que chama atenção pelo seu caráter atípico em relação às posições políticas marcadas pela autora nos relatos inscritos sob a questão de raça.

Começando pela descrição de relatos que constata discriminação racial no discurso, tanto dentro quanto fora da favela do Canindé, Carolina demonstra a rejeição sofrida por sua condição étnica de mulher negra quando buscou levar seus escritos a personagens ligados à cidade de São Paulo. Nestes episódios, a autora é por vezes submetida a agressões verbais que demonstram para o leitor como o racismo pode produzir a "invisibilidade da produção da mulher negra" (Ribeiro, 2017, p.38). Temos um exemplo deste fenômeno no relato de 16 de Junho quando a autora dialoga com pessoas do circo para tentar divulgar seus textos literários:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos.
Eles respondiam-me:
É uma pena você ser preta.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 58.

Outro exemplo deste mesmo tipo de agressão é verificado no relato de 23 de Julho, passagem esta que já foi exposta acima na página 23, no segundo tópico desta monografia, O Livro e a Etnografia. O episódio descrito anteriormente em que Seu João, morador da favela do Canindé, procura ajuda de Carolina para tratar do dente de uma criança e acaba por fazer um comentário racista sobre o hábito de leitura (e escrita) da autora, evidencia como a posição social de Carolina repercute

ainda uma interseccionalidade de opressões, de gênero e raça na interação social, mesmo dentro do recorte territorial em que a mesma encontra-se inserida.

Em outro relato, porém, apreende-se um aspecto de resistência por parte de Carolina que demonstra como a construção da representação de si mesma está marcada pela autoafirmação de sua identidade de raça assim como pela negação à imposição do modelo racial dominante. A autodefinição das mulheres negras, conforme comenta Ribeiro, é uma "estratégia importante de enfrentamento a e essa visão colonial" de hierarquização racial e revela o protagonismo da escritora quanto a construção de sua identidade étnica:

Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 58.

Por fim, sabe-se através do mapeamento quantitativo dos diários, conforme consta no capítulo etnográfico anterior, que o livro *Quarto de Despejo* é constituído por dezenas de relatos que estão distribuídos em um lapso temporal de quase meia década. À medida que avançamos na investigação no livro autobiográfico de Carolina pudemos também constatar uma variabilidade de expectativas que podem induzir o pesquisador a construção de um temperamento contraditório da autora. Os relatos, junto às posições críticas de Carolina foram, ao longo deste capítulo, relacionados com as categorias nativas conectadas com a territorialidade da favela e confrontadas com as categorias analíticas aqui mencionadas.

Esta variabilidade a que me refiro são contradições já mencionadas nos parágrafos acima. São exemplos já citados: o discurso ambíguo da autora sobre a conduta das mulheres da favela e sobre a figura do cônjuge masculino em seu núcleo familiar. Porém verificamos um outro posicionamento contraditório que remete a relação social com os brancos. Considero que esta passagem possa ser o dado etnográfico mais imponderável de todos os citados neste tópico analítico:

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpatico para mim. É dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ...Nas prisões os negros eram os bodes espiatorios. Mas os brancos

agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, p. 27.

A passagem, que está contida no relato de 13 de Maio, remete ao universo simbólico das relações étnico-raciais vivenciadas pela autora e acirra o aspecto dúbio de alguns de seus relatos. Observo que a afirmação em tom de conciliação desconsidera o histórico de exclusão da sociedade paulistana urbana em relação aos grupos historicamente marginalizados, em especial, a população negra. O depoimento de Carolina contradiz a própria vivência social nos seus deslocamentos pela cidade de São Paulo. Conforme relatos do próprio livro, são episódios marcados pelo ódio de classe, pela invisibilidade social (Gonçalves & Nascimento, 2011), pelo machismo, pelo racismo e mesmo pela revolta da própria autora contra a classe política expressa em suas próprias palavras.

A hipótese que proponho expor é que o tom conciliador, demonstrado no relato descrito acima, entre as classes urbanas privilegiadas e a população negra brasileira como um todo, que, inclusive, desconsidera os episódios de discriminação racial descritos pela autora, diz respeito a um desejo de melhora de sua condição social lastreada pela pobreza e miséria. Esta posição marcada por Carolina remete ao sentimento permanente de esperança que é projetado, em última instância, no objetivo da escritora de se mudar para uma "casa confortável" (Jesus, 1960, p.19) fora dos domínios da favela. Para além da expectativa pessoal da autora, deduzo que o relato aponta para uma continuidade de uma dependência estrutural do povo negro, mesmo após sua liberdade. Uma dependência, que no pós-abolição, gerou, dentre outros problemas, a desigualdade do acesso à educação formal, aos alimentos, ao mercado de trabalho e, portanto, aos recursos financeiros. Uma situação de desigualdade histórica que, ainda na posição social de precariedade de Carolina, sugere que o negro ainda dependa da tutela dos brancos para viver com dignidade de modo a não ter seus direitos sociais menosprezados.

Por fim, percebo que o tom lírico que se revela no livro de Carolina Maria de Jesus, de forma intermitente, também pode justificar esta euforia discursiva na sensação de proteção social por parte das pessoas brancas da cidade que, segundo ela, tendem a construir uma relação de proteção em prol do negro brasileiro na

modernidade. Trata-se, por conseguinte, do relato central presente em *Quarto de Despejo* o qual demonstra de forma imponderável, através da cronologia dos diários, como o tempo e os embates sociais vivenciados por Carolina tiveram implicações expressas em sua construção literária: abalaram seu temperamento social, moldaram suas expectativas de vida e suas visões de mundo.

5 Considerações Finais

O pensar a etnografia na antropologia, de uma forma geral, é um processo psicológico intenso na medida em que se confronta com outros sistemas simbólicos diversos daquele do pesquisador. A relação com o outro como um movimento de afastamento de si mesmo é o que provoca o estranhamento e a afetação do pesquisador pela situação de alteridade. Esta relação "nós e outros" que aqui perseguimos junto ao universo literário de Carolina, pressuposto seminal da antropologia desde a modernidade, novamente ativou o incômodo cultural e aqui se transformou em uma questão etnográfica.

O afastamento rumo a favela do Canindé nesta monografia implicou a imersão dos relatos duros da autora em tensão constante com a arena social que deu vida ao livro *Quarto de Despejo*. Partiu-se de uma abordagem historiográfica e de análise literária como suporte a reflexão antropológica. Procurei ao máximo olhar a diferença. Meu empenho foi captar o que Carolina tinha a dizer sobre minhas questões etnográficas para, novamente, estimular a reflexão sobre o mundo em debate direto com os relatos de seu diário. Tão logo, não houve a pretensão de delinear, em definitivo, a identidade social de Carolina ou dos personagens da favela do Canindé, mas sim de vivenciar a experiência do antropólogo na construção simbólica da favela nos diários da autora, no contexto da construção da escrita.

Esta monografia foi construída em três etapas de um mesmo percurso: o momento da etnografia a que remeto minha descrição dos relatos de Carolina somados às impressões sobre o filme *Cidade Ameaçada* (1960) e o disco fonográfico *Quarto de Despejo* (1961); o momento da pergunta etnográfica, neste ponto estabeleço um debate dos dados etnográficos à luz da teoria científica; e, por fim, o momento conclusivo onde procuro discorrer sobre as perspectivas de resposta à questão etnográfica.

A pergunta que procurei responder - como a favela é construída nos escritos de Carolina - foi desenvolvida de forma multifacetada. Dado o teor das vivências registradas pela autora no livro *Quarto de Despejo*, a favela foi reconstituída teoricamente como espaço demarcado pelas relações estruturais de poder de raça, classe e gênero. Reconhecer como estes marcadores estão conectados entre si, através de um olhar interseccional, é eficaz para que não se responda à pergunta etnográfica de forma incompleta ou parcial. O esforço desta abordagem analítica é

para que evitemos universalizar os lugares sociais e invisibilizar socialmente as comunidades periféricas e seus indivíduos.

Antes de respondermos aos relatos sobre a favela do Canindé, é importante revisitar Carolina enquanto testemunha-protagonista de seus relatos. A autora nos demonstra uma determinação imbatível que parte da autoafirmação étnica, da superação de sua condição social na favela e segue até o desenrolar de seus objetivos pessoais. A própria produção da escrita, a saída da favela e a publicação de sua obra literária nos mostra a força da autora em assumir uma trajetória de resistência contra a fome que rodeia seu barraco, contra a solidão, contra o preconceito racial e o machismo que atinge suas interações sociais, enquanto catadora de papéis, pelas ruas de São Paulo. Percebo que as adversidades descritas nos relatos de *Quarto de Despejo*, no entanto, vão delineando um caráter ambíguo para alguns de seus posicionamentos ao longo dos anos de residência na favela. Se a posição moral sobre a favela do Canindé é convictamente hostil, a mesma regularidade não pode ser remetida nas suas descrições sobre a população adulta com a qual conviveu.

A favela possui uma relação inconciliável com o meio urbano, se mostra sempre como um recorte espacial apartado da cidade nos relatos de *Quarto de Despejo*. O Canindé, embora seja o lugar em que Carolina reside, está posto sempre como um lugar indesejável, sujo e de descarte para aquilo que não se enquadra no devir urbano da cidade de São Paulo. Se "a cidade é o jardim" (Jesus, 1960, p.28), a favela é o espaço que revela que "estou no inferno" (Jesus, 1960, p.24). Quando a autora apresenta descrições sobre a favela com referência à categoria território (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.55), é possível perceber que a relação de oposição entre os lugares é uma constante nos relatos que, por sua vez, produzem a discriminação de classe de grupos marginalizados. A cidade é sempre o lugar da elegância e do fascínio. Já a favela é socialmente estigmatizada pela autora: está destinada a ser o "quintal onde jogam os lixos" (Jesus, 1960, p.28).

Para além do antagonismo a que a favela é submetida, Carolina justifica sua relação hostil mencionando vários aspectos de seu incômodo social ao longo dos relatos. Conforme pontua Gonçalves & Nascimento (2011), a autora projeta na favela a denúncia que expõe a "realidade de miséria, o comportamento degradante dos vizinhos, inclusive das crianças" (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.57). Este é o lugar da ausência de civilidade no qual Carolina sonha em ir embora com seus

filhos. A convivência conflituosa da autora com seus vizinhos somada à negação de uma coletividade solidária lhe motiva a enxergar seus pares favelados como "projetos de gente humana" (Jesus, 1960, p.20).

Assim que deixamos de observar o território e revemos os conflitos que envolvem questões de gênero, a visão pejorativa de Carolina sobre seus companheiros de favela se torna ambígua quando contrastada com os momentos em que se identifica com o povo favelado. O olhar, "ora irritado, ora pesaroso, quase sempre dúbio" (Gonçalves & Nascimento, 2011, p.57), que a autora demonstra sobre as mulheres, ao qualificá-las como obscenas, e os homens, quando se refere a infelicidade nos relacionamentos interpessoais, também contrasta com o reconhecimento da sua posição de cronista favelada quando afirma, em tom empático, que "o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido" (Jesus, 1960, p.35). O que se percebe, portanto, é um paradoxo de expectativas: do ressentimento pela favela à paixão pela escrita, da aversão às pessoas faveladas com suas intrigas ao reconhecimento terno da origem comum.

Por fim, concluo que a ambiguidade do discurso de Carolina também atinge a suas percepções étnico-raciais. Conforme disserto no capítulo etnográfico, da mesma forma que a autora descreve a superação das barreiras raciais pela via da autoafirmação, enquanto mulher negra e favelada, ela também revela uma expectativa de sujeição ao papel social da classe dominante branca no estabelecimento das condições sociais das comunidades negras e periféricas.

Em suma, demonstro que Carolina não desconhecia o poder de sua escrita como forma de reelaboração de seu mundo. Foi a partir dos relatos de seu sofrimento social cotidiano que a autora forjou sua voz e seu sujeito político frente a outros grupos sociais. Afinal, as comunidades periféricas podem falar por si mesmas. A favela tem seu discurso próprio e pode dialogar culturalmente, de igual para igual, com as outras vozes sociais. Conforme eu pude demonstrar nos relatos a interação conflituosa de Carolina com a favela do Canindé, é nesta relação de embate que reconheço a alteridade de seus diários. O conflito é o estímulo intelectual final que move seus sonhos. É o elemento transformador de suas reflexões sobre a favela.

BECKER, H. "Outsiders". IN: **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. [p. 15-30]

BLOG DO IMS. **Carolina Maria de Jesus e a favela**. Disponível em <https://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

CAROLINA Maria de Jesus é homenageada com Doodle do Google. **ESTADÃO**, São Paulo 14 de mar. 2019, dia. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,carolina-maria-de-jesus-e-homenageada-com-o-doodle-do-google,70002754846>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/RmjB7R>. Acesso em: 28 jun. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. IN: Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 6-17. 2017. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. **Images of Favelas: Displacing (and Recycling) the Sites of Invisibility**. IN: ReVista: Harvard Review of Latin America. 2007. Disponível em: <https://revista.drclas.harvard.edu/book/image-favelas-displacing-and-recycling-sites-invisibility>. Acesso em: 30 mar. 2019.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. **The Sensitive Territory of the Favelas: Place, History, and Representation**. IN: Brazil and the Americas. Convergences and perspectives. 2008. Disponível em: http://publications.iai.spk-berlin.de/receive/repois-iai_mods_00001047. Acesso em: 30 mar 2019.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/71>. Acesso em: 19 abr. 2019.

EURICH, Grazieli. **Movimentos sócio-religiosos entre os indígenas e os “fanáticos” Kaingang do Ivaí em 1923, Paraná.** Florianópolis: **XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.** Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares#G>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FARIAS, Roberto. **Cidade Ameaçada.** São Paulo: Cinematográfica Inconfidência Ltda., 1960. (104 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Si50AqhFxey> . Acesso em: 19 abr. 2019.

FILMOW. **Cidade Ameaçada - 1960.** Disponível em <https://filmow.com/cidade-ameacada-t54493/ficha-tecnica>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

FILMOW. **Favela: A Vida na Pobreza - 1971.** Disponível em <https://filmow.com/favela-a-vida-na-pobreza-t244662>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues; NASCIMENTO, Denise Aparecida. **Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa.** Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Um mundo feito de papel.** IN: Horizontes Antropológicos, 42. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/678>. Acesso em: 30 mar 2019.

GOOGLE MAPS. **Canindé.** Disponível em <https://goo.gl/maps/5pdf3d4qkeNHiP3m7>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Organização de Liv Sovick. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. 1ª Ed atualizada. Belo Horizonte: Editora IFMG, 2009.

IBGE. **Recenseamento geral do Brasil 1940.** Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=765>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições**. São Paulo: RCA Victor, 1961. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo&t=1037s>. Acesso em 30 abr. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1961a.

LIMA, Ana Nery Correia. **Mulheres militantes negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas**. Disponível em: <https://goo.gl/w71f4n>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MAGNANI, José. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49, jun., 2002.

MENDONZA, Edgar S.G.. **Donald Pierson e a Escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)**. In: Sociologias. Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez. 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

O'DONNELL, Julia. **De olho na Rua: A cidade de João do Rio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

OLIVEIRA, Patrícia M. A. de Oliveira & SILVA, Francisco R. do Nascimento. **Quando a mulher negra subalterna fala: diálogos entre Gayatri Chakravorty Spivak e Carolina Maria de Jesus**. IN: IS Workin Papers, nº 4. Disponível em: <http://isociologia.up.pt/pt-pt/working-paper/wp-74-quando-mulher-negra-subalterna-fala-di%C3%A1logos-entre-gayatri-chakravorty-spivak-e>. Acesso em: 19 abr. 2019.

ONU BRASIL. **Discriminação Racial**. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acao/discriminacao-racial/>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

PORTA CURTAS. **Carolina**. Disponível em <http://portacurtas.org.br/filme/?name=carolina>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras**. IN: Estudos Afro-Asiáticos, nº 17. 1989. Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territc3b3rios-negros.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SOBRE a solidão da mulher negra. **GELEDÉS**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.

SOUZA, Florentina. **Mulheres negras escritoras**. In: AUGUSTO, Jorge (org.). Contemporaneidades periféricas. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018, p. 93-106.

TRAJETÓRIA de Roberto Farias ilumina a complexidade do cinema brasileiro. **ESTADÃO**, São Paulo 15 de mai. 2018, dia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/trajetoria-de-roberto-farias-ilumina-a-complexidade-do-cinema-brasileiro.shtml>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

VIDA POR ESCRITO - Carolina Maria de Jesus. **Bibliografia sobre Carolina**. Disponível em <https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-sobre-carolina-cwl>. Acesso em: 30 de Abr. 2019.

VIDA POR ESCRITO - Carolina Maria de Jesus. **Biografia**. Disponível em <https://www.vidaporescrito.com/biografia>. . Acesso em: 30 de Abr. 2019.